

77



R. 21586



REVISTA MUNICIPAL

NÚMERO ESPECIAL

LISBOA JANEIRO DE 1944



3138

REVISTA MUNICIPAL

PUBLICAÇÃO CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



NÚMERO ESPECIAL DEDI-
CADO À MEMÓRIA DO
ENGENHEIRO
DUARTE PACHECO



LISBOA — JANEIRO DE 1944

Fotografias de: Mário Novais, Horácio Novais,
Ferreira da Cunha e Carvalho Henriques

Capa, mapa e fotomontagens de: José Espinho

Foto «Hors-Texte» de: Alvão

Fotolitografias de: Litografia de Portugal

Rotogravuras de: Neogravura Ltd.ª

Gravuras de: Armeis & Moreno, Ltd.ª

Comp. e impres.: Oficinas Gráficas da C. M. L.

SUMÁRIO

Biografia — Breves notas da vida do Engenheiro Duarte Pacheco.

Afirmações — Excertos de alguns discursos: na posse de Ministro da Instrução; ao assumir o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Lisboa; na cerimónia da posse da Vereação; ao empossar os Directores de Serviços da Câmara Municipal de Lisboa; no regresso ao cargo de Ministro das Obras Publicas e Comunicações; e ao Microfone da Emissora Nacional sobre as Comemorações Centenárias.

Homenagens — Do Governo e da Câmara Municipal: do Presidente da República; do Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar; do Presidente substituto da Câmara Municipal; e do Vereador Luís Telxeira.

Realizações — Na cidade de Lisboa — Enumeração das principais.

Na capa — Reprodução do painel central do teto do Salão Nobre, de autoria de José Rodrigues, 1883.

PREÇO 10\$00



ENGENHEIRO DUARTE PACHECO



A «Revista Municipal» interrompe hoje a sua publicação normal para prestar a sua homenagem ao Engenheiro Duarte Pacheco.

Criada por seu despacho sob proposta que lhe fizemos, mal suporíamos nós, mal pensaria êle que, tão pouco tempo passado, teríamos de pôr crepes para o evocarmos com saúde!

Pouco haverá para dizer de novo ou acrescentar ao que tôda a imprensa do País já disse a seu respeito.

Ecôam («te-deums») e orações nas naves dos templos, ouvem-se palavras de justo elogio nos salões nobres das Academias, das Escolas e dos Municípios, e tudo bem merece o grande ministro, homem de têmpera invulgar, inteligência pronta e visão clara.

A «Revista Municipal» não podia deixar de se associar ao côro de aplausos da Nação e arquiva desvanecidamente, nas páginas que se seguem, o «veredictum» com que o venerando Presidente da República se dignou associar-se a esta homenagem, reproduz os discursos proferidos na Assembléia Nacional por Sua Excelência o Presidente do Conselho, e na Câmara Municipal pelo seu Presidente substituto e pelo vereador Luís Teixeira, biografa a figura do Engenheiro Duarte Pacheco, e procura divulgar a formidável obra com que tanto engrandeceu Lisboa.

Ante a fatalidade que privou a Nação de um dos seus mais dilectos filhos e a Capital de um dos seus maiores servidores, tocados de sincera mágua e sentindo, com o mais profundo pesar, a trágica morte que o vitimou, curvamo-nos saudosa e respeitosa mente perante a sua memória.

Bom é porém que se acentue que não pretendemos com a publicação do que se segue, entao um simples ((requiescat)), escrever umas tantas frases de bem merecida admiração e de profunda e sentida estima.

Homens da têmpera do Engenheiro Duarte Pacheco choram-se no fundo dos nossos corações ou das nossas almas, pelo respeito que lhes devemos e pela falta que nos fazem, mas, acima de tudo, devem enaltecer-se em todo o seu grande valor, em tôda a pujança do seu talento, da sua actividade fecunda e da sua patriótica benemerência.

Mais, muito mais do que com lamentações ou chôros, devemos lembrá-los para exaltar a lição da sua vida, exemplo sublime de trabalho, e a sua obra, tão grande como outra maior se não conhece realizada em tão curto espaço de tempo.

Andam errados ou deturpados alguns factos da sua biografia.

Procuramos, como é nossa obrigação, repô-los em tôda a verdade.

Muitos portugueses e muitos lisboetas ignoram a extensão da obra que realizou ou iniciou.

Nas reproduções gráficas que seguem, damos uma idéia da sua grandeza.

Talvez, com tempo, se pudesse fazer melhor, mas como nos não falece o ânimo demorar ou protelar o que consideramos cumprimento de um dever, se o que se segue não corresponde inteiramente ao homenageado e à sua obra, confiamos que poderá contribuir para que se chegue a esta grande verdade: o Engenheiro Duarte Pacheco, inteligência e actividade invulgares, foi UM GRANDE PORTUGUÊS.

B I O G R A F I A

BREVES NOTAS DA VIDA DO
ENGENHEIRO DUARTE PACHECO



Em cima — Família do Eng.º Duarte Pacheco, que é o segundo a contar do lado esquerdo. À direita — José Pacheco, pai do Eng.º Duarte Pacheco. À esquerda — D. Maria do Carmo Pacheco, mãe do Eng.º Duarte Pacheco.



À esquerda — O Eng.º Duarte Pacheco aos 3-anos de idade. Ao centro — aluno do Liceu de Faro. A direita — aluno do Instituto Superior Técnico.

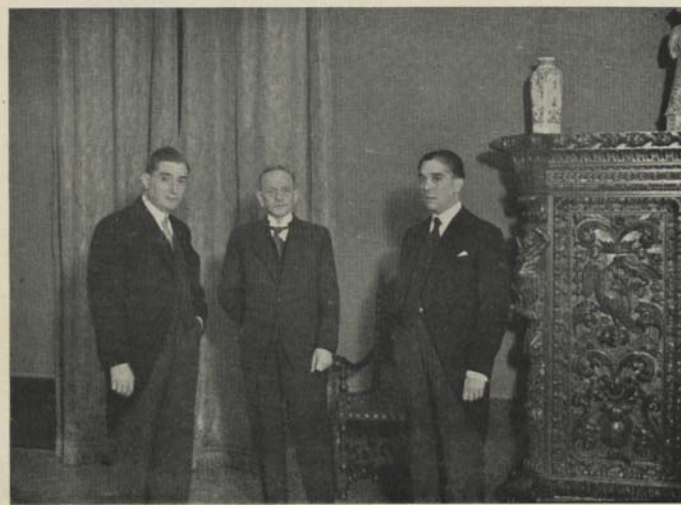




Na posse do lugar de Ministro da
Instrução, sua entrada na vida
pública.



Ao ser investido no cargo de Mi-
nistro das Obras Públicas.



Com os Presidentes da República
e do Conselho, após a sua se-
gunda nomeação para Ministro das
Obras Públicas e Comunicações.

Cumprimentando o Chefe do Estado no dia 1.º de Janeiro de 1938, no Edifício dos Paços do Concelho.



Por ocasião da primeira reunião pública da Câmara Municipal.



No acto da entrega do Castelo de S. Jorge ao Município.



Alguns aspectos da actividade do Eng.^o Duarte Pacheco como Presidente da Câmara Municipal.

EM CIMA

No início dos trabalhos do grande Parque Florestal de Monsanto.



AO CENTRO
Na inauguração do Parque Infantil do Jardim Guerra Junqueiro (Estrêla).

EM BAIXO
Na abertura do Bairro da Quinta da Calçada.



ENGENHEIRO DUARTE JOSÉ PACHECO

Filho de José de Azevedo Pacheco e de Maria do Carmo Pacheco, nasceu em Loulé, em 19 de Abril de 1900. Seu pai, trabalhador infatigável, possuindo apenas exame de instrução primária, conseguiu, por sua inteligência e méritos, ascender a chefe da Repartição de Finanças e, com sólidas amizades, a chefe político local do partido regenerador. Viúvo desde 1906, com 11 filhos (sete meninas e quatro rapazes), procurou educá-los dentro do melhor espírito de tolerância. Implantada a República, conservou-se fiel aos seus princípios monárquicos e regeneradores, e como os filhos fôsem republicanos, chamava-os algumas vezes e dizia-lhes: «Venham lá êsses republicanos falar com o pai!».

Reconhecendo que o filho Duarte era dotado de faculdades invulgares, mais de uma vez, já quando doente, disse ao seu confidente, o filho Humberto: «olha pelo Duarte que êle há-de ser alguém».

José de Azevedo Pacheco veio a falecer em 2 de Janeiro de 1914, com 48 anos.

Perdidos os vencimentos do chefe da família, a correspondente redução de rendimentos (que até ali davam para uma vida de mediania) obrigou a família a uma revisão no seu viver. Os homens, com admirável compreensão dos seus deveres, deixaram para as irmãs tudo o que podia pertencer-lhes da herança, e cada um dêles passou a cuidar de si.

Duarte estudou em Loulé o 3.º ano do liceu com o irmão Humberto, que leccionava mais cinco alunos, e foi prestar provas no Liceu de Faro. Como obtivesse apenas a classificação de 14 valores, regressou desconsolado e abatido, mas Humberto explicou-lhe que, sendo aluno externo, não poderia queixar-se, pois, nesta qualidade, os professores só conheciam os alunos no acto do exame, e 14 valores eram boa nota.

Vendo que para atingir a classificação a que se julgava com direito precisava de passar a aluno interno, pediu ao irmão Humberto (que lho consentiu) que o deixasse matricular no liceu.

Tendo figurado sempre no quadro de honra, fêz exame de 5.º ano obtendo 17 valores e de 7.º com 19, vivendo apenas à sua custa, sem nada receber dos rendimentos provenientes da herança dos pais.

Matriculado no Instituto Superior Técnico em 1917, não tardou que o seu nome fôsse conhecido entre a população escolar dêste estabelecimento de ensino e entre os próprios mestres. No fim do 1.º ano os méritos e a inteligência revelados por Duarte Pacheco tornaram seus íntimos amigos os professores Drs. Aureliano de Mira Fernandes e Caetano Beirão da Veiga.

Em 1919, quando do episódio de Monsanto, fêz parte do batalhão académico organizado para defender o regime republicano.

Pode levar triunfalmente ao fim o seu curso de engenheiro electro-técnico, vivendo — repete-se — apenas do seu trabalho, a leccionar os próprios condiscípulos.

Diplomado em 1922, aos 23 anos de idade, com a classificação de 19 valores, não tardou a receber convite para reger a cadeira de Matemáticas Gerais.

Quatro anos depois, em 1926, foi nomeado director interino do Instituto Superior Técnico e mais tarde director efectivo, tendo então concebido e executado a construção do grande edifício que hoje alberga aquela modelar casa.

Foi esta a sua primeira grande obra, que êle acompanhou hora a hora com a mesma devoção e entusiasmo com que havia de vir a concluir e a executar tantas outras grandes obras!

Chamado a Ministro, pela primeira vez, em 1928, pelo General José Vicente de Freitas, para a pasta da Instrução, tomou posse do referido lugar em 19 de Abril (data do seu aniversário natalício). No curto período em que nessa pasta se conservou — pois regressou ao Instituto Superior Técnico em 10 de Novembro — coube-lhe a honra de ter ido a Coimbra convidar o Dr. Oliveira Salazar para tomar parte no Governo.

Nomeado novamente Ministro em 5 de Julho de 1932, agora das Obras Públicas (Ministério pela primeira vez criado), no primeiro Governo da presidência do Dr. Salazar, aí se revelaram, em tôda a sua plenitude, as suas excepcionais faculdades de realizador e organizador. Deixou de ser Ministro em 18 de Janeiro de 1936.

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa em Janeiro de 1938, deixou, bem vincada a sua passagem, como nas páginas que se seguem se documenta.

Em 25 de Maio de 1938 voltou à gerência da pasta das Obras Públicas e Comunicações e no desempenho dêste alto lugar, que tanto prestigiou, veio a encontrar a morte, ao regressar de Vila Viçosa, de visita a obras ali em curso.

A F I R M A Ç Õ E S

EXCERTOS DE ALGUNS DISCURSOS

NA POSSE DE MINISTRO DA INSTRUÇÃO

Eng. Duarte Pacheco, agradeceu ao Presidente do Ministério as palavras afectuosas e cheias de carinho que lhe dirigiu, e declarou que ia ocupar aquêlê lugar sem ter ainda marcado na vida portuguesa qualquer papel que o indicasse para tal cargo, mas simplesmente pela simpatia que soubera inspirar, acrescentando que era consolador ver, numa época de tantas ambições, um moço de vinte e nove anos ser escolhido para tão alto cargo, provando-se, assim, que os dirigentes têm uma grande fôrça moral.

Desde a escola que é republicano, nem nunca foi outra coisa, e naquele lugar saberá prestigiar e defender a República.

AO ASSUMIR O CARGO DE PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

S ei que é pesada a tarefa que de mim se exige e dou conta da extensão do sacrifício que a aceitação dêste encargo representa.

Conheço também, por dura experiência, o prémio de amarguras que geralmente se colhe ao serviço esforçado e honesto do interêsse público.

Todavia aceitei a difficil missão por um imperativo de consciência e por um dever de civismo.

Por um imperativo de consciência, porque não poderia esquecer as minhas responsabilidades na obra de ressurgimento nacional que, alvorecendo em Maio de 1926, se definiu, se corporizou e se começou a realizar em 1928;

nem pude, a-pesar-de tudo, ser insensível ao apêlo que me dirigiu o Presidente do Conselho — o homem que, desde a primeira hora, considerei o verdadeiro guia da Nação e a quem, depois de largas batalhas e brilhantes triunfos, o País entregou confiante os seus destinos.

E por um dever de civismo, porque tendo a certeza de que me serão asseguradas as condições necessárias dum trabalho proficuo, e a convicção de que a população de Lisboa me acompanhará com o incentivo da sua simpatia e da sua confiança na minha vontade de realizar obra fecunda e útil, a recusa teria de ser tomada como incompreensão do dever sagrado de bem servir a causa pública.

Afirmo agora a V. Ex.^a, sr. Ministro, que procurarei continuar os bons esforços e as honradas tentativas dos meus antecessores.

Não serão a vaidade nem o desejo de praticar actos heróicos ou de me assinalar por feitos ilustres os estímulos para a minha actividade.

Tive sempre um grande desapêgo por sentimentos dessa natureza e assim quero continuar.

Procurarei apenas bem servir a Cidade e o Govêrno.

Tudo o que fizer de bom será obra da Cidade, será obra do Govêrno.

NA CERIMÓNIA DA POSSE DA VERAÇÃO

Apenas deixaremos esboçados alguns princípios gerais que queremos pôr na base de tôda a nossa orientação, condensando-os em cinco pontos:

- 1.º — Aos munícipes devem os serviços da Câmara acolhedora deferência, consideração, prontas informações e rápida resolução dos assuntos do seu interêsse.

- 2.º — O funcionalismo municipal há-de exercer as suas funções com produtividade e competência, pondo ao serviço da Câmara tôda a actividade necessária, e, por cima de tudo, com uma honestidade perfeita.

- 3.º — A administração da Câmara deve caracterizar-se pelo dinamismo pela clareza e pela simplicidade, e visar a desembaraçar-se de tudo o que possa ser entregue com proveito às actividades particulares.

- 4.º — A Câmara há-de procurar trabalhar em estreita colaboração com os serviços do Estado por onde correm negócios que se relacionam com os da sua esfera de acção, e com tôdas as instituições interessadas no progresso da Cidade, quer sob o aspecto administrativo, cultural e de acção social, quer urbanístico, sanitário e económico.

5.º — No domínio das grandes realizações e da construção de edificações cívicas a Câmara deve trabalhar em sujeição a um Plano geral de urbanização e expansão, deve chamar a si tudo o que represente a execução de obras de urbanização e há-de promover o embelezamento das edificações existentes e impor a rigorosa fiscalização das novas, em defesa do aspecto architectural da Cidade.

Pensamos que o que fica dito se entende por si mesmo. Em todo o caso, acrescentaremos, para evitar mal-entendidos, que as afirmações contidas nas duas primeiras proposições não envolvem, de forma alguma, uma censura ao funcionalismo municipal.

Quisemos apenas transmitir-lhe, com a maior clareza, o nosso pensamento, porque entendemos ser fundamental não nos esquecermos todos, em todos os lugares e em todos os momentos, de que a instituição municipal não existe por nós, ou para nós, mas pelos munícipes e para os servir.

Meus senhores, basta de discursos e vamos ao trabalho.

Termino, lembrando um velho pensamento muito conhecido:

Em todo o empreendimento dois terços hão-de entregar-se à inteligência e ao estudo e um terço à boa estrêla, sendo fraqueza confiar mais à primeira fracção e temeridade mais à segunda.

É o que vamos tentar fazer.

AO EMPOSSAR OS DIRECTORES DE SERVIÇOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

C reio que, dos pequenos serviços que poderei prestar ao Município de Lisboa, o maior será, sem dúvida, o de escolher para os lugares de comando pessoas competentes, inteligentes e animadas do forte espírito de bem servir a Cidade. E se o fizer, terei em consciência realizado o bastante para me perdoarem que não consiga realizar tudo o que a Cidade espera ou o que desejaria fazer. De pouco vale o homem, de pouco vale a acção dum homem; o que vale sempre é o conjunto de boas vontades bem orientadas. Procurarei, de comêço, marcar a orientação necessária, mas é aos senhores directores de serviços que compete, de futuro, assegurar-la — e a obra de futuro vale mais do que a obra do presente. A V. Ex.ª compete mais pròpriamente, do que a mim, dirigir os serviços municipais. É sôbre os vossos ombros que hão-de principalmente recair, no futuro, as grandes responsabilidades da administração municipal.

Naturalmente, V. Ex.^{sa} conhecem já quais são as minhas idéias, qual o pensamento dominante da acção que entendo dever ser exercida pelo Município. Procurei mesmo, antes de os empossar, definir as grandes directrizes da acção municipal que deve ser exercida. Mas uma coisa é enunciar os problemas, outra coisa é estudá-los e encontrar-lhes as soluções devidas, e ainda outra é realizar os resultados dêsse estudo. Aproveito o ensejo para acentuar que é bom não confundir estas três fases bem distintas da acção. Para realizar hoje ou para realizar daqui a dez anos, o que é necessário é definir os problemas para depois serem estudados. Esse é o trabalho bem difícil que a V. Ex.^{sa} vai ser entregue. Realizar é, em geral, mais simples do que definir e estudar os problemas, ao contrário do que muitas vezes se supõe; tudo o que está bem pôsto e bem estudado realiza-se com relativa facilidade.

.....

Nos lugares públicos nunca devemos servir as nossas inclinações, mas o interesse do público.

.....

E já que aludi ao novo Código Administrativo, quero afirmar que a experiência que o Governo faz, deve ser por nós acompanhada não só na letra como no espírito dêste diplôma. Se não trabalharmos com esse espírito, de nada valerá a experiência. Pode haver, e é natural que haja, uma ou outra disposição susceptível de não satisfazer inteiramente às necessidades administrativas, mas assim mesmo, devemos orientar-nos pela idéia superior de trabalhar dentro do espírito do Código, levando à consideração do Governo tudo o que através do critério da nossa experiência pareça dever ser modificado.

.....

Escolhi o sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho para meu chefe de gabinete sem o conhecer, como escolhi agora alguns dos novos directores de serviços sem os conhecer também. Escolhi-o porque pessoas em cujo critério, em cuja lealdade e superior visão dos homens e das coisas tinha confiança, me disseram que se tratava dum homem bom.

.....

Foco esta circunstância, porque talvez ela possa ter o mérito de constituir um exemplo, explicando ao mesmo tempo, a muitos, coisas que às vezes lhes parecem inexplicáveis. Não costumo escolher os amigos pelo simples facto de o serem, o que me tem valido a má vontade de alguns dêles. É que nos lugares públicos nunca devemos servir as nossas inclinações ou as nossas amizades, mas servir sempre o interesse do público.

NO REGRESSO AO CARGO DE MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

É com verdadeira emoção que recebo das mãos de V. Ex.^a a pasta das Obras Públicas e Comunicações, emoção que provém ainda da circunstância de V. Ex.^a ser o Ministro da Justiça, porque esta palavra justiça sôa hoje aos meus ouvidos e ecôa no meu coração por uma forma singular. O meu regresso à pasta das Obras Públicas e Comunicações parece ter o significado — ao menos tem-no para mim — de «verdictum» da Nação à obra que iniciei neste Ministério em 1932 e foi interrompida no comêço de 1936. Obra modestíssima sem dúvida, a que faltou certamente a larga visão que o meu fraco merecimento não soube imprimir-lhe, mas obra inspirada no profundo e puro amor da Pátria, na dedicação ilimitada posta ao serviço do bem público. Aqui servi devotadamente aos meus concidadãos, aqui queimei anos de vida que contam por muitas vezes os de trabalho, aqui me fiz quasi um velho. E quanto sofrimento e quantas amarguras colhi!

Mas um homem público verdadeiramente digno dêsse nome e verdadeiramente amante da sua Pátria só pode, só deve ter um desígnio — servi-la. Servi-la em tudo, em todos os lugares e em todos os momentos. E há-de saber esquecer tôdas as injustiças e tôdas as ingratidões, tôdas as cabalas, e tôdas as grosserias até, e ter a fôrça interior que o proteja dos infortúnios ou das incompreensões da sua acção. Eu já esqueci tudo e hoje só recordo com perdurável reconhecimento os testemunhos de cativante simpatia e imerecido aprêço que tantas pessoas, de todos os cantos do País, carinhosamente me enviaram ao abandonar, em 1936, a gerência dêste Ministério.

Vou procurar agora reunir as poucas fôrças que ainda me restam, para servir uma vez mais o meu País. E que programa? O meu programa é o programa do Govêrno, apresentado tão brilhantemente ao País pelo eminente Chefe do Govêrno, na lei de reconstituição económica, em leis complementares e na recente nota sôbre as Comemorações Centenárias. A minha acção consistirá fundamentalmente em cumprir e fazer cumprir a palavra de ordem do doutor Salazar. Precisarêi ainda assegurar a minha fidelidade ao seu pensamento governativo? A minha devoção pela devoção patriótica dêsse homem, dêsse monge da Pátria, é e foi sempre tão grande, e tantas vezes traduzida em actos, que não tenho necessidade de a afirmar neste momento.

E, a terminar:

— Venho encontrar no Ministério das Obras Públicas e Comunicações o mesmo dinamismo, o mesmo espírito de bem servir a Nação, que me honro de aqui ter deixado? Por mim pouco ou nada mudei; espero que os que aqui

trabalham não tenham também mudado muito. Temos, entre muitas outras, uma tarefa ingente a nosso cargo: a realização das obras inscritas no magnífico programa das Comemorações Centenárias, enunciado pelo sr. Presidente do Conselho. Todos poremos nessa realização a nossa inteligência, a nossa vontade, todo o nosso esforço até ao esgotamento.

AO MICROFONE DA EMISSORA NACIONAL SÔBRE AS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

1 940, como síntese das Comemorações Centenárias, há-de perdurar por largo tempo na memória de todos, resistindo à lei humana do esquecimento. Porque foi uma afirmação exuberante de vida; porque foi uma manifestação própria dum grande povo; porque teve imponência, nobreza, dignidade.

.....

Confiança em si próprio, de há muito obliterada ou perdida, também o português a ganhou como resultado — talvez o mais impressionante — das Comemorações Centenárias. A invocação do exemplo estrangeiro, a tendência para copiar o seu figurino, sempre que surgia a necessidade de fazer alguma coisa, são agora atitudes incompreensíveis e improcedentes, porque soubemos demonstrar que, ao menos em qualidade, somos capazes de fazer tão bom ou melhor do que os outros. E é a qualidade que sobretudo importa salientar, porque nela reside o valor intrínseco da obra; a quantidade, no ponto de vista em que nos situamos, tem de relegar-se para um plano secundário, por depender quási exclusivamente do poderio, da riqueza, da extensão.

Fêz-se, sem dúvida, trabalho da profundidade, puramente português; e para o erguer não foi preciso mais do que mergulhar o espírito na nossa História, onde encontrámos fontes inexgotáveis de inspiração, de tal modo é secular a vida da nação portuguesa, assombrosos e brilhantes os factos que a dominam. O povo — grande povo êste! — compreendeu maravilhosamente o extraordinário significado das Comemorações Centenárias, e, com elas e com a sua perfeita compreensão, avançámos, num só ano, algumas décadas, ganhando a confiança em nós próprios, vencendo a descrença nacional.

.....

Ao Ministério das Obras Públicas e Comunicações interessam muito particularmente os aspectos de 1940 que ficaram esboçados nas suas linhas gerais. Em primeiro lugar, porque lhe coube, em muitos actos das Comemorações, a responsabilidade da sua realização ou uma intervenção directa ou indirecta na

sua preparação; depois, por ser o departamento do Estado com maior volume de realizações, pela própria índole dos seus fins, e onde há, portanto, necessidade de aproveitar maior número de elementos de trabalho.

Em resumo, o país saiu enriquecido das Comemorações Centenárias; mais rico na ordem moral, pelo prestígio que conquistou perante nacionais e aos olhos do Mundo inteiro, mercê duma evocação séria das suas gloriosas tradições e dum esforço de realização, com beleza e probidade; mais rico na ordem material, pela própria riqueza que é o somatório das variadíssimas construções executadas em todo o Império, com aproveitamento de muitos milhares de braços e salário para o sustento de inúmeras famílias.

Neste último aspecto, apontam-se algumas obras de excepcional vulto já concluídas ou que estão a ultimar-se e hão-de perpetuar o «ano áureo» no dobrar dos tempos e na imaginação dos vindouros: à bela avenida marginal de Lisboa a Cascais, maravilha de sentido atlântico, a moderna experiência duma ampla auto-estrada, o sonho-realidade dum grandioso Estádio-Nacional, a velhíssima aspiração da ponte de Alcântara, os magníficos trabalhos do Aeroporto de Lisboa e seus acessos, as obras de restauro de castelos e outros monumentos nacionais, a ressurreição do Teatro de S. Carlos, a Cidade-Nova iniciada com a Exposição do Mundo Português, o Parque Florestal de Monsanto, o Plano de Radiodifusão Nacional e tantas mais...

Isto se fez. E pelo modo como se fez, sobejam-nos razões para sair de 1940 com orgulho e com fé:

Orgulho nas qualidades da nossa gente, que asseguram ao novo Portugal o respeito por si mesmo e um lugar no concêrto das nações;

Fé na Providência, que há-de conceder a êste povo a graça de ser feliz na continuação das nobres tradições dos seus maiores, na continuação dos altos destinos que Deus lhe tem confiado no quadro da civilização cristã.

1

**AUTÓGRAFO DA RESPOSTA
DO ENG.º DUARTE PACHECO ÀS SAUDAÇÕES
DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»**

Puncto em sessão regular e substituição para o
meio e solução do problema de urbanização e expansão
de Lisboa por o grupo dos Amigos de Lisboa tem a
sua responsabilidade.

Antes v. Ex.^{ta} principalmente ao sector ~~urbanístico~~ ^{entregue}
o respeito de uma vontade firme e sincera de colaborar
na sua organização da cidade.

É uma reunião por tanto o meu papel de o
também também não, hei-de de declarar já ^{meu} ~~grande~~
afirmação da reunião das ideias e opiniões por o ^{meu}
entusiasmo e por v. Ex.^{ta}, as propostas e pelo ^{meu} ~~entusiasmo~~
propostas por tem as dificuldades do problema, apontando
com a preocupação da sua absoluta perfeição e de sua
indivisível utilidade.

João Simão: o problema de urbanização e expansão
da cidade é o mais importante de todos os ~~problemas~~ ^{problemas}
existentes
A urbanização de uma cidade é, sem dúvida o mais importante

regra do seu e civiltar. De um populacão - de sua -
cultura e de um estat social.

De quem sua cidade e' a capital do País, mesmo assim
Cesari e' o solo de um inicio, pelo seu ~~trabalho~~^{representa} ~~o~~ ^o ~~trabalho~~ ^{trabalho} ~~o~~ ^o
modelo para a justi sustentavel e um exemplo para os
outros munic urbanos do País.

Apesar de tã as tentativas feitas, a que se de justificam
a necessidade de um plano, e' que se de justificam
o seu plano de melhoramento, com de resto v. d. necessarios.
E' que e' um plano geral de urbanizacão e expansao?
A' sua necessidade reclama a cidade e que nã seja
muito com a precia colaboracão da v. d.

Trã e' o plano de 1887 em o rat do plano-parcial de
1904 (Parque fluvial) e de 1928 (Z.S.T.).

Enfim, melhoramentos, necessarios.

Pertencem e' Cãmara Municipal dos termos do Codig, a
elaboracão do plano, em estãdo colaboracão com o ^{v. d.} ~~v. d.~~
e em tãdo as ~~neecessarias~~ ^{necessarias} interessadas nos proprios.

Antes actualmente q' mostra a adocão para primario
a sua elaboracão.

Referencia' em nenhum ^{trabalho} ~~trabalho~~ ^{trabalho} ~~trabalho~~ (R.M.L - para ^{v. d.} ~~v. d.~~
plantas).

H O M E N A G E N S

DO GOVÊRNO E DA CÂMARA MUNICIPAL



PRESIDENCIA DA REPUBLICA

A dedicação pelo serviço ao, a meu
vô, a qualidade que, em mais, alto grau,
caracterizava o engenheiro Duarte Pacheco e que
me levou repetidas vezes a ~~atribuir~~ merecer-lhe
a minha admiração e o meu reconhecimento.

Entre outras notáveis qualidades que possuía,
tinha-se individualidades e auxiliares de igual,
protegiam o grande objetivo da renovação nacional
que era aquele modo grande homem de Estado.

Foi isso, sobretudo, que fez de Duarte Pacheco
um grande exemplo que perdurará e que o levou,
final, a morrer bem, a morrer de si.

Vigília de 1963

General Carneiro

DO PRESIDENTE DO CONSELHO, DR. OLIVEIRA SALAZAR

Na Assembléia Nacional em 25 de Novembro de 1943

Sr. Presidente e Srs. Deputados: espero que a Câmara me desculpará de ser breve, excessivamente breve talvez, deixando para outro momento aquelas palavras de louvor e de justiça que uma estreita e intensa colaboração de muitos anos me dará especial autoridade para dizer um dia. Feliz serei se, esbatido então já o sentimento e criada a necessária perspectiva para se medir a estatura de um grande homem, puder fazer perante a Nação que o perdeu e a História que orgulhosamente o recolheu em seu seio o depoimento que lhes devo.

Hoje é outro e mais simples o meu intento — associar o Governo à manifestação de pesar da Assembleia Nacional. Tendo embora feito tudo quanto lhe ditara o seu próprio sentir e o dever lhe ordenara para salvar a vida e honrar a morte, o Governo quis estar aqui presente e, êle próprio de luto, juntar o seu pêsame ao da Câmara, como representante e intérprete do sentimento da Nação.

Se a morte escolhesse atitudes, diríamos que no caso presente caprichara em fixar aquela que melhor traduzisse uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio. Podia o Ministro ter morrido na função, envelhecido precocemente, na ânsia e no afã de quem pressente faltar-lhe o tempo para realizar o pensamento de reconstrução e renovação que o regime encarnou em Portugal. Era pouco ainda. Era preciso que literalmente morresse ao serviço dela, vítima dela, a apressar o termo de uma obra, a economizar escassos minutos para um Conselho em que outros planos ou obras se aprovavam ainda.

O sonho que sonhamos da transformação material do País em mais de dez ou quinze anos, se a situação internacional não paralisasse os nossos esforços e o trabalho nacional, não pode já ser realizado sob o impulso do seu

dinamismo, da sua intensa felicidade de criar, do seu poder de resolução, da sua vontade de aço, e não sabemos mesmo em quanto esta morte o terá prejudicado. Tinha-se bem nítida a consciência do atraso que era preciso vencer, num país onde a velocidade ainda perturba e os meios são escassos para economizar anos. Mas dessa reposição de Portugal no seu tempo, sob o aspecto material das comunicações, da urbanização das cidades e vilas, da instalação e funcionamento dos serviços, da reparação do património artístico, do lar com higiene e beleza, da elevação da vida rural, esperava-se a transformação do meio e decisiva influência na nossa vida colectiva. Essa obra de optimismo transbordante, que comprovava a capacidade de realização e as possibilidades artísticas e técnicas ainda ao nosso dispor, deveria exercer influência revolucionária nas ideias feitas, na imitação servil, no acanhamento e pusilanimidade correntes, na triste conformidade do grande número — isto é, esperava-se dela poderosa acção estimulante e educativa.

Muito grande nos seus fundamentos e no seu lineamento geral, esta obra não pode, no entanto, ser acusada de excessiva e desproporcionada. Sem dúvida, ela ultrapassa os hábitos e o momento, mas não excede Portugal: o Ministro tinha o raro condão de adaptar a grandeza da concepção às proporções do País. Construir para um século era a divisa, porque paradoxalmente uma nação modesta não pode construir só para vinte anos; a excessiva e documentada duração do provisório ensinava-nos que tudo devia ser definitivo.

A perfeição da obra material e até da construção jurídica, quando lhe cabia fazê-la e a realizava com a facilidade dos matemáticos para o direito, derivava da rara compleição intelectual dessa extraordinária feição de espírito, igualmente apto para as grandes linhas e para as pequenas cousas, para idear, particularizar e construir, como se a grandeza e beleza do conjunto não fôsem senão o somatório ou a resultante da perfeição do pormenor.

O engenheiro Duarte Pacheco detestava as improvisações e os expedientes, como indignos da seriedade da inteligência e da gravidade do tempo. Por isso se resignava a adiar os problemas até ao seu estudo exaustivo e à sua integração no conjunto dos outros problemas afins. Mas questão estudada a sério ficava definitivamente resolvida, sem que mais se viesse a sentir a necessidade de tocar na traça geral das soluções.

Não era a perfeição — a pobre argila humana é de sua natureza imperfeita —, mas alguns defeitos que pudessem emergir de uma natureza rica, exuberante de qualidades, todos estavam predispostos a servir o interesse colectivo e o bem comum. Nenhum lhe aproveitava pessoalmente. Desinteressado até à renúncia, rindo com a pobreza ou a modéstia dos recursos próprios, resignado ante a incompreensão ou as reticências, e indiferente ante a ligeireza com que em geral se aprecia entre nós o homem público, tinha no entanto absoluta con-

fiança no sentimento de gratidão do povo diante de um Estado que deixou de ser uma abstracção ou um estôrvo, para tomar decididamente a peito servir o real, o tangível interesse de todos.

Apesar disso tive de sacrificá-lo uma vez na constituição do Governo. ; Ai dos povos que não suportam a superioridade dos seus grandes homens ! ; Infelizes ainda mais aqueles cuja política não está ordenada de modo que os homens de raro valor possam servir a nação ! Responsável pela nossa, não estava por mim disposto a sacrificá-lo mais. Deus o levou. Curvo-me ante a sua vontade.

DO PRESIDENTE SUBSTITUTO DA CÂMARA MUNICIPAL

Na reunião da Câmara Municipal de Lisboa em 25 de Novembro de 1943

Na passada semana Lisboa e o seu Município sofreram bem rudes golpes — um inteiramente irreparável, outro que só difficilmente poderá reparar-se — com o desaparecimento de dois grandes servidores seus, qual dêles o mais devotado dentro da sua esfera de acção, e de quem, embora muito já tenha ficado por tôda a Cidade a atestar os seus excepcionais méritos, muito mais haveria a esperar em realizações tendentes a valorizar-lhe a beleza e encantos. Constitue, pois, um imperativo de justiça dedicar a Câmara alguns dos seus momentos à recordação destes dois vultos assim tão trágicamente desaparecidos, para render preito à sua memória e colhêr, no exemplo da sua dedicação e serviços que prestaram à Cidade e à Nação, o necessário estímulo para se prosseguir sem desfalecimento na senda que deixaram traçada. Esta forma de os homenagear seria seguramente das mais gratas aos seus espíritos, se porventura fôssem susceptíveis de a apreciar.

.....

A outra vítima a quem, no passado dia 15, a fatalidade cruel cerceou para sempre o fio duma existência que foi curta nos anos mas longa pela intensidade febril com que ardorosamente se consumiu, sempre inteiramente dedicada à causa pública, tem jus a um preito especial por parte da Cidade, que lhe é devedora da mais funda das suas homenagens e da mais viva gratidão, pela forma como o ilustre extinto sempre se devotou a servi-la, a embelezá-la e a engrandecê-la.

O eng.º Duarte Pacheco, quando ainda era apenas o Director do I. S. T. — lugar a que foi guindado certamente porque, apesar de muito novo, já deixava entrever as excepcionais qualidades inerentes ao grande dirigente que sempre foi — já se interessava, com o maior carinho, pelo bem da Capital. A

necessidade de encontrar instalação condigna para o Instituto obrigou-o a tomar contacto com ela, tal como então era e como surgia, linda sim nos seus atributos naturais, mas desataviada e mal cuidada pela mão dos homens.

O ilustre extinto, ao estudar a localização das futuras edificações no sítio por que afinal se decidiu, não se limitou, como infelizmente é tão freqüente, a ver o seu «caso próprio». Visionou, desde logo, enquadrá-las em conjunto urbano que, valorizando o Instituto, constituísse simultaneamente um motivo de grandeza e embelezamento na zona da Cidade que o circundava. E assim surgiram as idéias da magnífica artéria que é a Alameda de D. Afonso Henrique, e de todos os arruamentos que hoje vemos já realizados ou em via de realização, ligando a velha zona do Arco do Cego com a de Almirante Reis e Alto do Pina, e formando um conjunto que é motivo de orgulho para os lisboetas. Quero aqui evocar, dêsses tempos já recuados de quási 15 anos, os dias e horas que o eng.º Duarte Pacheco passava neste edificio — na qualidade de simples Director do Instituto — a seguir os trabalhos que os Serviços da Câmara iam fazendo, segundo orientação onde predominavam as suas brilhantes idéias; os serões nessa época, até às 2 horas, durante os quais êle acompanhava com afincos os funcionários municipais encarregados da elaboração dos projectos dos arruamentos, na ância de os ver completados dentro de curto prazo; as negociações intrincadíssimas por êle entabuladas com os proprietários dos terrenos adquiridos, e com o Estado e o Município, para acertar tudo dentro do que havia previsto; quero, repito, rememorar tudo isso, para mostrar que sempre, desde o início da sua carreira, o eng.º Duarte Pacheco mostrou o seu grande amor por Lisboa, e o seu vivo desejo de a ver bela, ataviada e engrandecida, dentro da disciplina resultante dum estudo cuidadoso dos seus elementos e recursos de natureza urbanística.

As contingências da política e o conhecimento que já se ia espalhando, das suas excepcionais qualidades de realizador impuseram pouco depois que êle ascendesse às cadeiras do Poder. Passou primeiro, fugazmente — trazido por quem na Presidência da Câmara se apercebera dos seus esplêndidos requisitos — pelo Ministério da Instrução onde, apesar da sua curta permanência, deixou já bem notados os seus méritos e a maneira intrínseca em toda a sua obra, de só querer ver e resolver em conjunto. Chamado mais tarde ao Ministério das Obras Públicas e Comunicações, tomou em Junho de 1932 posse do cargo, que ocupou até à sua morte, apenas com o interregno de Janeiro de 1936 a Maio de 1938. Daí provém, sobretudo, a sua aura como estadista de excepcional envergadura.

Só quem conheça bem as circunstâncias em que na primeira fase êle foi forçado a agir; os inúmeros problemas de alta envergadura e do mais largo

alcance nacional encontrados em suspenso, alguns colidindo até com a saúde e ordem públicas, como por exemplo o do abastecimento de água à Cidade; as condições defeituosas da orgânica dos Serviços do Ministério; a falta de elementos técnicos de que lançar mão, não porque os não houvesse, mas porque a própria ausência de oportunidade de se revelarem, os mantinha no desconhecimento das suas possibilidades, afinal ulteriormente patenteadas; os maus hábitos inveterados no funcionalismo pelo clima doentio em que vivera durante tanto tempo de descalabro nacional, a que o Estado Novo viera pôr termo, mas com a lentidão imposta pelas dificuldades a vencer, que fazia com que ainda nesse período o mal fôsse bem patente; a rotina, a falta de civismo e, em certos casos, o modo bem discutível de proceder adoptado pelos empreiteiros de obras, aliados à defeituosa e deficiente redacção dos Cadernos de Encargos pelos Serviços responsáveis, que impunham a cada passo uma intervenção, sempre em geral dificultada pelas circunstâncias em que o incidente antes evoluira; só, em resumo, quem esteja bem ao corrente de todo êste ambiente excepcionalmente desfavorável para actuar nas condições e segundo o temperamento inerentes ao feitiço do eng.º Duarte Pacheco, é que poderá avaliar na justa medida quanta energia, quanta fôrça de vontade, quanta persistência, quanta dedicação e amor pela causa pública, quanto desinteresse material e dos cuidados pela própria saúde, quanta inteligência e espírito de justiça, quanta finura e argúcia no acautelamento dos interesses da Nação, foram necessários ao eng.º Duarte Pacheco para singrar no meio de tanto escólho, para bem se orientar no rumo a tomar, para convencer quem êle necessitava de tornar solidário com as suas decisões de Ministro, e para remover tudo quanto o impedia de agir segundo os imperativos do seu espírito e os rígidos princípios por que sempre norteou a sua vida pública!

Pois, apesar desta tarefa esgotante e inglória, já por si capaz de encher a vida a quem não fôsse dotado de excepcionais predicados, ainda e sempre lhe sobrou o tempo para madurar e gisar os seus vastos planos que, postos em prática, iriam pouco a pouco dando alma nova a êste Portugal a quem êle tanto queria, criando nêle espírito rejuvenescido até aos extremos confins, alentando as iniciativas locais, despertando gôsto pela vida, amor à terra-mãe, preito e dedicação pelo Estado Novo proporcionador do bem estar usufruído, provocando, em resumo, o acatamento espontâneo dos princípios da sã moral cristã e o respeito pela família e tradições, idéias basilares na obra do Govêrno de Salazar.

Nesse primeiro período da sua vida de Ministro das Obras Públicas, pôs o eng.º Duarte Pacheco em equação inúmeros problemas de interesse nacional. Inútil seria referi-los, pois são de todos conhecidos. Abro apenas excepção para os que respeitam ou se prendem com interesses da Cidade. Um dos de maior

vulto resolvidos, foi o problema do abastecimento de água à Cidade, que pôs termo a uma situação perigosa, traduzida todos os anos, na época estival, por aflições, dificuldades, incómodos e riscos para os habitantes de Lisboa. Quanta pertinácia, fulgor de espírito, teimosia sã; quanta argúcia para vencer as dificuldades e objecções, para bem equilibrar os interesses dos munícipes — os essenciais — com os do Estado, Câmara e Companhia das Águas! Mas também quanto barulho, quantas críticas infundadas, quantas injustiças na apreciação do proceder do Ministro! E no entanto, decorridos cerca de 10 anos, já todos estão concordes com a agudeza de espírito e vistas largas que orientaram a solução escolhida, considerando-a hoje como praticamente perfeita.

Data também dessa época a congeminação dos planos, seguida em alguns casos do início e conclusão, noutros só do início, de uma série de obras de grande envergadura, que hoje enriquecem Lisboa: trabalhos marítimos no Pôrto de Lisboa, em especial na 3.ª Secção (lado oriental da Cidade); estações Marítimas de Alcântara (concluída) e da Rocha do Conde de Óbidos (em execução); remodelação e ampliação do Museu de Arte Antiga (quáasi concluído); restauro do teatro de S. Carlos; edificios da Estatística, Casa da Moeda, Instituto Superior Técnico, Liceu feminino de Lisboa e Novo Manicómio; Estádio Nacional (prestes a inaugurar); e Bairros de Casas Económicas dos Altos da Serafina e Ajuda, e das Terras do Forno, em Belém.

Surgiram ainda nesse período, na sua mente, a mudança da fábrica de gás para a Matinha, para desafrontar a tórre de Belém da suja vizinhança que tanto a desfeia; o Parque Florestal de Monsanto, cujo início de efectivação lhe coube mais tarde promover, quando presidiu ao Município; e a ponte sôbre o Tejo, do Beato ao Montijo, que, se não fôra a sua saída do Ministério em 1936, talvez já hoje estivesse concluída, para bem da Cidade, embora com grande pesar dos descrentes, dos cépticos, dos maus, e dos ôcos de espírito, a quem sempre afronta ver os êxitos de outrém. Posso asseverá-lo com a autoridade de testemunho que me advém de ter sido Chefe de Gabinete do Ministro, nos últimos meses do referido período, quando as negociações estavam prestes a atingir o seu fecho.

Borbulhavam já igualmente naquele vulcão em plena actividade que era a sua cabeça, os problemas dos acessos à Cidade a poente (Estrada Marginal e Auto-Estrada pela ponte no Vale de Alcântara), a nascente (Marginal Oriental até Moscavide), pela Encarnação (acessòriamente servindo o futuro Aeropôrto, também já na sua mente), e pelo Lumiar. Ocupava-se ainda êle do estudo aturado dos problemas dos Edifícios Universitários, do Instituto de Oncologia e do Novo Hospital Escolar — cuja realização começa agora a surgir —, bem como da elaboração do projecto para as novas instalações do Ministério das Finanças no antigo edificio da Alfândega — também presentemente em curso.

E não se esqueça que é também desta época a transferência do Arsenal para o Alfeite, a fase intensa da transformação que sofreu o edifício da Assembléa Nacional, e a remodelação da Emissora Nacional de Rádiodifusão.

Precisamente no final desta sua primeira estadia na pasta das O. P. ainda coube ao eng.º Duarte Pacheco a ingrata missão de remodelar e organizar os Serviços do Ministério, dentro dos princípios orientadores do Decreto-base da Orgânica dos Serviços do Estado. Só quem o acompanhou nesta árdua tarefa, pode ajuizar dos seus estenuantes esforços para bem profundar todos os efeitos do Decreto sôbre os funcionários seus subordinados, tôdas as conseqüências da sua aplicação aos diferentes Serviços, e tôdas as situações anteriormente criadas, que iriam transformar-se em casos especiais, difíceis de resolver sem graves prejuízos para os interessados. E com que paciência a sua inteligência e engenhosidade se empenhavam em encontrar a disposição transitória susceptível de minorar, dentro dos princípios que lhe cumpria acatar, o prejuízo causado ao interessado, sempre que se tratasse de alguém que, pelos seus méritos de funcionário — e só êsses para si contavam — êle considerava merecedor do seu interêsse e protecção, como Ministro! Nessa ocasião que ror de injustiças, de despeitos, e de verrinice se amontoaram para o tomar como alvo! A história, quando um dia poder fazer-se, reporá as coisas no seu lugar e dará «a César o que é de César». Terminaram por vencer, a-pesar-de tudo, aquêles a quem os excepcionais dotes do eng.º Duarte Pacheco faziam sombra, a ponto de quási os obnubilarem, e deu-se o que era fatal: o Ministro passou novamente a ser simplesmente o eng.º Duarte Pacheco. Assim se manteve, apagado, quási dois anos, durante os quais nunca exteriorizou uma queixa, uma acrimónia, susceptíveis de serem exploradas em desprimor do Estado Novo, que êle servira e continuava servindo com tôda a sua devoção de homem público; do Presidente do Conselho, a quem continuava dedicando a mesma estima e respeito pessoal como se continuasse a ser membro do Govêrno; e de quem exercia a alta função de que êle fôra arredado.

Dedicou-se então, com aquêle interêsse e afincó que lhe eram peculiares, a ultimar as novas instalações do I. S. T., onde passava dia e noite, entregue à estenuante tarefa, certamente na intenção de ocupar o espírito ao máximo, para afastar dêle o travo da ingratidão humana, que o atingira a fundo como tem atingido tantos outros homens públicos em diferentes períodos da história. Recusou com o maior dos desinterêsses tôdas as ofertas de melhoria da sua situação material, e organizou a sua vida dentro dos magros proventos de Director do I. S. T. (menos do que o vencimento dum eng.º de 2.ª classe), a-pesar-de ter que auxiliar numerosa família com quem sempre coabitou, e que então vivia, como ainda hoje vive, com certas dificuldades.

Foi durante êste afastamento das funções ministeriais que o eng.º Duarte Pacheco fêz uma longa viagem pelo estrangeiro, mediante a qual, com o seu espírito arguto e observador, muito viu e anotou que lhe serviu posteriormente, primeiro no Município, depois pela segunda vez no Ministério, para afinar o seu gôsto, corrigir certas idéias anteriormente preconcebidas segundo determinados rumos, e despertar novas energias, traduzidas ulteriormente em muitas das suas iniciativas.

Os que tiveram a dita de o ouvir referir-se a esta viagem, ficavam encantados com os comentários que fazia ao muito que vira, bem reveladores de que a viagem não fôra feita na simples mira de ver desfilar novas gentes e novos horizontes, antes com a manifesta intenção de aprender profundamente coisas novas, e de confirmar ou rectificar muitos juízos anteriormente formulados no seu espírito.

Nesses dois anos de afastamento não foi permitido ao eng.º Duarte Pacheco manter-se alheado dos grandes problemas nacionais; a sua opinião foi bastantes vezes ouvida, o que comprova o reconhecimento do seu excepcional valor. E se de facto nem sempre o fêz sem relutância da sua parte, não foi por pretender esquivar-se a servir — acção que seria incapaz de cometer — mas apenas por um melindre pessoal inteiramente legítimo; entretanto, sempre a sua grande dedicação pela causa pública terminou por se sobrepor a êsse melindre, o que bem demonstra quanto se conservava bem forte o laço que o unia a quem detinha em suas mãos os destinos da Nação.

Em fins de 1937 o eng.º Duarte Pacheco recebeu o honroso convite para aceitar a Presidência da Câmara. Consultados por êle alguns dos seus mais íntimos amigos — no número dos quais me contava — todos foram concordes em que aceitasse, se visse possibilidade de lhe serem concedidos os meios necessários para efectivar a grande obra de renovação de que Lisboa tanto carecia, e também, se isso não prejudicasse a idéia dum seu possível retôrno ao Ministério das Obras Públicas, onde era já evidente que só a sua volta permitiria fazer retomar o ritmo de realizações de que o Estado Novo se tornara devedor perante a Nação, ritmo que já naquela altura se encontrava lamentavelmente quebrado.

Permitam V. Ex.ª que eu relembre êsse passo com mais pormenor.

Combinado o encontro em casa do ilustre extinto, dali saímos os dois, descendo a pé a Avenida de Fontes Pereira de Melo, Praça do Marquês de Pombal, Avenida, Rossio, R. do Ouro e R. do Arsenal até ao Largo do Corpo Santo. Nesse percurso, esgotado rapidamente o assunto inicial do seu convite, começou o eng.º Duarte Pacheco a fazer considerações sôbre tudo quanto respeitava à Cidade e que se relacionava com o caminho seguido. Digo-vos que,

a-pesar-de saber já bem de quanto êle era capaz, me senti maravilhado ante a justeza, a profundidade, a variedade de conceitos que ia ouvindo. Foi uma autêntica lição de urbanismo aplicado. Daquele brilhante espírito jorravam aos borbotões idéias sôbre o Parque Eduardo VII, a auto-estrada, o arranjo estético das mesquinhas construções que ladeiam a Avenida e a Praça dos Restauradores — até com discussão sôbre o número de andares que haveria acrescentar às construções existentes, para lhes dar harmonia e grandeza — o arranjo do Rossio, o trânsito na Baixa, os falados túneis, partindo dos Restauradores ou do Rossio até ao Corpo Santo, e do Socorro a S. Domingos, a procurar resolver em curto prazo o problema de ligação de Almirante Reis com o Rossio, tudo tratado com grande profundidade, a mostrar ter já sido matéria das suas locubações. Até essa ocasião, quem vos fala nunca havia pensado em poder ter de se ocupar de semelhantes assuntos; não fôra sondado, sequer, para seu colaborador na Câmara, e nem de longe lhe passava pela cabeça que mais tarde o pudesse vir a ter de substituir, com tanta falta de requisitos para o efeito, nas funções de Presidente do Muncípio. Imaginem, pois, V. Ex.^{as} a minha admiração e respeito pelas altas qualidades de quem, acabado de convidar para êste cargo, se mostrava já tão fundamentalmente ao corrente de tantos dos seus importantes problemas!

A rememoração acabada de fazer tende a confirmar que o eng.^o Duarte Pacheco ,ao entrar em 1 de Janeiro de 1938 na Câmara Municipal, levava já bem assentes e ordenadas muitas idéias sôbre os problemas que tinha de encarar, e para os quais visionava soluções que serviram de base, com ligeiras alterações, às que ulteriormente se adoptaram no estudo do Plano de Urbanização.

Curioso é, também, relatar como o eng.^o Duarte Pacheco procurou inteirar-se da orgânica, assuntos pendentes e problemas a resolver nos diferentes Serviços Camarários. Durante cêrca de 20 dias, sózinho, pois não havia directores de serviços e apenas um número restrito de chefes de repartição, o eng.^o Duarte Pacheco recebeu, infatigável, de manhã até altas horas da noite, os responsáveis pelos Serviços que então havia, fazendo-lhes um autêntico exame sôbre os pontos que lhe interessava esclarecer. Sucedeu com freqüência — e a mais de um o ouvi — que a partir de certa altura quem o informava começava a receber a impressão de que o Presidente estava tanto ou mais ao corrente dos assuntos do que êle próprio, pois o ouvia dar já directivas futuras como se tivesse largos conhecimentos sôbre os assuntos versados. Isto demonstra bem quão alto era o seu grau de inteligência e espírito crítico, e explica também o ascendente rápido que alcançou sôbre os imediatos executores das suas decisões, predicado êste que aliás foi sempre uma das características mais bem vincadas da sua forte personalidade.

Foi célere a passagem do eng.º Duarte Pacheco pela Presidência da Câmara — uns escassos 5 meses — e no entanto, quão profundamente assinalada ela aqui ficou! Compulsando as actas de cada uma das reuniões mensais dessa época, encontra-se nelas o esboço do programa renovador que êle aqui veio pôr em prática. Versando *todos* os assuntos, de *todos* os Serviços, comentando os variados problemas em suspenso e definindo orientação sôbre êles, fustigando abusos e criticando maus hábitos, quantos e quantos ensinamentos então se colhiam das suas palavras e dos seus actos, sempre maduramente pesados e repensados! De entre todos os assuntos, uns, porém, houve que êle sempre considerou primaciais, por ser unicamente através dêles que entrevia a solução dos problemas tendentes a fazer progredir e transformar Lisboa sem auxílio estranho: os que se referiam à urbanização da Cidade, até então sempre diferidos sob o pretexto «clássico» da falta de verba.

Desde o influxo renovador dos tempos de Pombal, e à parte as acções meritórias de Ressano Garcia na zona das Avenidas Novas — essa mesmo fundamentalmente menos certa na orientação dada à expansão da Cidade para norte, quando parece hoje não restar dúvida de que deveria tê-lo sido para poente —, e de Rosa Araújo na zona da Avenida da Liberdade, nunca até então a urbanização de Lisboa fôra tratada senão através de arranjos locais fragmentários, inteiramente destituídos de uma idéia de conjunto, de um nexu lógico a ligá-los, e traçados apenas pelo interêsse dos pseudo-urbanizadores particulares, guiados por intuítos sempre duvidosos e, de um modo geral, profundamente ruinosos para o Município. Êste, nos últimos anos anteriores a 1938, estava praticamente limitado, nas suas iniciativas urbanísticas, a viver da pretensa benemerência daqueles particulares, assim guindados a urbanizadores da Capital, onde exerciam a sua actividade à margem das leis reguladoras das expropriações por utilidade pública e outras. O «ovo de Colombo» da obra grandiosa planeada pelo eng.º Duarte Pacheco para dotar progressivamente Lisboa do que lhe faltava como grande centro urbano, Capital do Império Português, consistiu apenas em duas panacêas, na aparência bem simples: elaborar o Plano de Urbanização e Expansão da Cidade, e fazer jogar, na aquisição das propriedades necessárias à execução dos melhoramentos nêle previstos, as regras constantes da legislação em vigor, desde há algumas dezenas de anos, em matéria de expropriações.

Na prática, porém, as dificuldades não faltavam. Era preciso juntar os poucos técnicos portugueses especializados em assuntos de urbanismo, então existentes, e trazer ainda em seu auxílio alguns urbanistas estrangeiros, um um dêles como consultor, outros como executores também. Não havia — como, apesar dos esforços feitos, ainda hoje infelizmente não há — uma planta da Cidade, actualizada na sua planimetria e nivelamento, com escala apropriada

ao trabalho a efectuar. A cada passo os directamente encarregados do estudo do Plano se chocavam com árduas dificuldades, ao quererem correlacionar convenientemente os núcleos dispersos de urbanização já existentes, gisados ao sabor da fantasia e interesses privados de cada um. Também, em matéria de expropriações, as dificuldades não se ante-olhavam menores. Havia que vencer hábitos arreigados, criadores de pretensos interesses, que até então a Câmara considerava tácitamente como legítimos; e havia igualmente que resolver os intrincados problemas que advinham das chamadas «concessões para urbanizações locais», quando, perante os estudos urbanísticos em curso, se verificava a inexequibilidade dos respectivos projectos já aprovados pela Câmara antes de 1938, e sobretudo quando estivessem em plena execução, que se impunha deter imediatamente.

Deitando imediatamente mãos à obra, o eng.º Duarte Pacheco esboçou, com o seu grande talento, larga visão, e profundo conhecimento de todos os importantes problemas de urbanização da Cidade, as linhas gerais do Plano a traçar. Ouvidas as entidades que entendeu conveniente escutar, perdendo horas e dias em locubrações e tentativas, debruçado sôbre a planta base dos estudos, êle sózinho fêz surgir dentro em pouco, esboçado embora sem grande precisão, o esquema fundamental do referido Plano. Constituiu a sua rêde basilar uma série de radiais dirigindo-se do coração da Cidade para a periferia (dois ramos da Marginal, oriental e ocidental; Av. Almirante Reis e seu prolongamento até à Encarnação; prolongamento da Av. de República e do Campo 28 de Maio até ao Paço do Lumiar; Av. António Augusto de Aguiar, seguindo para os lados de Carnide; e Auto-Estrada através do Parque Florestal), e uma série de circulares concêntricas (circulação da Cidade desde Moscavide a Algés, passando pela Encarnação, Charneca, Lumiar e Benfica, e contornando externamente o Parque Florestal; 2.ª circular, desde a Matinha à Av. de Ceuta, junto ao Calhariz de Benfica, passando pela Portela, extremo do Campo 28 de Maio e Telheiras; 3.ª circular, prolongamento da Av. dos Estados Unidos da América para um e outro lado, partindo da Av. de Ceuta junto a S. Domingos de Benfica, e rematando no Beato, na projectada ponte Lisboa-Montijo, com passagem pelas Laranjeiras, começo do Campo Grande e Chelas; 4.ª circular, em parte coincidente com a Av. de Berne, tendo início na Av. de Ceuta junto ao Aqueduto das Águas Livres em Campolide, e termo na Marginal Oriental em Xabregas, passando intermediamente por Palhavã, Campo Pequeno, Praça no Alto do Areeiro e Chelas, junto à R. Gualdim Pais).

Surgiu também o Parque Florestal de Monsanto, limitado internamente pela Av. de Ceuta, que ligará Alcântara a Benfica, por Campolide; e confinou-se a zona atribuída globalmente ao Pôrto de Lisboa.

Definidos assim estes elementos fundamentais, o estudo do Plano facilitava-se, pois ficaria cindido em tantos estudos parciais quantos os quadriláteros constituindo as malhas da rede.

Sobre expropriações, fixou desde logo o eng.º Duarte Pacheco o critério de nunca se executar qualquer melhoramento sem que previamente a Câmara estivesse na posse das propriedades por êle abrangidas, fazendo assim reverter para a colectividade os possíveis benefícios resultantes da venda dos respectivos terrenos sobrantes. E para tanto não foram precisas leis novas; bastou aplicar as existentes, e em especial a de 1912.

Verificando também que a Cidade havia até então crescido tentacularmente, deixando entre os diversos braços extensas zonas rurais, com manifesto prejuízo para a eficiente exploração dos diferentes Serviços municipais affectos à conservação de tudo quanto respeita aos arruamentos já habitados; e tendo verificado que para uma primeira fase da expansão da Cidade, correspondente à elevação da sua população até 1.100.000 habitantes — prevista num prazo de 30 anos —, não era necessário contar com tôda a sua área, o eng.º Duarte Pacheco delimitou nela uma zona de reserva de expansão, que restará tal como actualmente se encontra, isto é, com a sua característica rural, e onde não se permitirão novas construções ou ampliações das existentes, susceptíveis de as valorizar sensivelmente.

Ao entrar na Câmara em 1938, o eng.º Duarte Pacheco encontrou praticamente no mesmo pé em que os havia deixado, ao sair do Ministério dois anos antes, os problemas do Parque Florestal, do Aeropôrto, das saídas da Cidade, e da mudança da fábrica de gás para a Matinha. Começava também nessa ocasião a surgir o Plano das Comemorações Centenárias, em que a Lisboa caberia parte predominante, em especial com a Exposição do Mundo Português. Eis, pois, desde logo, um conjunto formidável de realizações que urgia atacar sem demora. Êle assim fêz com aquela decisão e destemor das dificuldades que eram norma sua, e pouco depois estava em boa via tudo quanto reputou essencial.

Esta ingente actividade desenvolvida ao serviço da Câmara foi interrompida em 25 de Maio de 1938, pela sua nova ascensão às cadeiras do Poder. Êle, antes, hesitou muito entre o bem da Cidade e o da Nação, mas terminou por optar por êste último, ainda que com profundo desgosto de todos os seus colaboradores da Câmara, que assim viam afastar-se, tão prematuramente e no comêço duma obra tão talentosamente projectada, o seu eminente autor e propulsor.

Para o substituir no Município, o eng.º Duarte Pacheco — sempre despreocupado das considerações de ordem pessoal ao tratar-se de coisas públicas — desta vez deixou-se cegar pela boa amizade com que desde há anos honrava

quem estas palavras profere, pretendendo ver nêle attributos que não possui, requisitos de ordem política que não tinha nem, por índole, nunca cultivara — como, aliás, continuou a não cultivar — e teve a bondade de se lembrar do seu nome, mau grado os veementes protestos com que o generoso convite foi recebido, protestos só terminados ante o argumento de que o serviço que impunha, o tomava como prestado a êle pessoalmente, e que continuaria a acompanhar os negócios da Câmara com o necessário interêsse para que não se perdessem nem se alterassem as directivas superiores que já estabelecera.

De facto, o eng.º Duarte Pacheco cumpriu bem a sua promessa, interessando-se sempre desveladamente por tudo quanto respeitava ao Município.

Tàcitamente — pois nunca houve qualquer trato formal sôbre o assunto — a pessoa que êle aqui deixou a substitui-lo temporariamente, resolveu deixar-lhe tôda a iniciativa em matéria do estudo do Plano de Urbanização e na orientação a dar às expropriações para execução dos melhoramentos que se fôsem efectuando.

Resolveu também guiar-se pelo esclarecido conselho do eng.º Duarte Pacheco, ao ter de fazer a nova organização dos Serviços Camarários, com base nos princípios do Código Administrativo applicáveis ao Município de Lisboa, para o que, aliás, dispunha do exemplo dado pouco antes com a organização que êle promulgara, respeitante à Administração Geral dos Correios e Telégrafos. Decidiu aproveitar os vastos conhecimentos que êle possuia na matéria, e as regras de disciplina orçamental que impunha no Ministério das Obras Públicas, para os utilizar na elaboração do primeiro orçamento gisado segundo a nova orgânica camarária — o de 1939, modelo de clareza e de síntese, no seu género — e continuou sempre a consultá-lo, ao elaborar os orçamentos dos ans subseqüentes.

Em tudo o mais, o Presidente substituto sempre dispôs de carta branca para agir segundo o seu critério, o que, evidentemente, não impedia, quando necessária, qualquer troca de impressões, aliás sempre provocadas por quem estas palavras profere, no desejo que tem constituído constante imperativo formal da sua actuação no Município, de que o eng.º Duarte Pacheco, se um dia retomasse as suas funções na Câmara, encontrasse tudo orientado por forma semelhante à que teria seguido, se dela não se tivesse afastado.

Êste esclarecimento é útil para repôr no seu devido pé muitas opiniões errôneas e para desfazer críticas bem infundadas a respeito da ingerência do extinto nos negócios Camarários. Não visa a criar louros imerecidos para quem o dá, mas sim a fazer justiça a quem já se não pode defender.

38 A ascensão ao poder do eng.º Duarte Pacheco, se por um lado privou a Câmara do seu valiosíssimo concurso, teve ao menos o grande mérito de esta-

belecer uma funda correlação dos Serviços do Ministério com os do Município, em tudo quanto respeitava ao Plano de Urbanização da Cidade. Desde então nenhum melhoramento projectado no Ministério, respeitante à Capital, obteve aprovação do Ministro sem que previamente se verificasse a sua perfeita integração no Plano em estudo. As grandes realizações susceptíveis de embelezar e enriquecer a Cidade (sobretudo edifícios, mas também os trabalhos no Pôrto de Lisboa, o Aeropôrto marítimo, as pontes da Auto-estrada, os arranjos na zona da Praça do Império, as futuras gares de Caminhos de Ferro para passageiros e mercadorias, os Bairros de casas económicas, etc.) tudo passou a ser estudado, na sua implantação e aspecto, em correlação com os interesses da Cidade, que com êles se valorizava.

Por seu turno, as iniciativas da Câmara correlacionadas com as do Estado encontraram sempre no eng.º Duarte Pacheco um fiel de balança, na discussão dos seus recíprocos interesses, intervenção esta bem valiosa ante a idéia que, infelizmente ainda perdura em muitos Serviços do Estado, de que a Câmara é entidade subalterna, e portanto pode ser tratada como um estranho, um particular, e não como entidade de interesse público que indiscutivelmente é.

Foi, pois, trabalhando dêste modo, que a Câmara pôde encarar — uns já realizados, outros em via de realização, outros, finalmente, devidamente estudados mas aguardando melhor oportunidade, em consequência da guerra, para se iniciarem — tantos e tantos melhoramentos previstos no Plano de Urbanização, orientados no seu estudo e realização pelas directivas superiores do eng.º Duarte Pacheco. Citá-los um a um seria repetir palavras já proferidas, pois quasi todos êles já foram mencionados e são do conhecimento geral. Eis apenas, algumas referências a um ou outro pormenor digno de nota, ou àquilo que ainda não haja sido citado. Lembrarei, por exemplo, todos os trabalhos na zona que respeitava à Exposição do Mundo Português — correcção da Avenida da Índia, modificações da Praça de Afonso de Albuquerque, R. dos Jerónimos e Calçada da Memória, criação da magestosa e imponente Praça do Império e dos novos arruamentos da Encosta da Ajuda, construção da Estação Fluvial de Belém — ; os formidáveis trabalhos de restauro do Castelo, da Sé de Lisboa e dos Jerónimos; o Aeropôrto terrestre, já em exploração; a saída de Lisboa pela Encarnação, com acesso por Almirante Reis e por Alferes Malheiro; os troços da circunvalação de Algés à estrada para Queluz, e da Encarnação a Moscavide e Beirolas; a Auto-estrada, com a sua ponte imponente a galgar o Vale de Alcântara; o Parque Florestal, em fase adiantada quanto a plantações, arruamentos e miradouros; os novos bairros de Casas Económicas da Encarnação, Madre de Deus e Campolide, e a ampliação do do Alto da 39

Ajuda; os bairros de Casas Desmontáveis, que tanto bem vieram trazer a mais de 4.000 desditosos; os desafôgos em torno da Casa da Moeda e do Instituto Superior Técnico, com a magestosa Alameda e a sua Fonte Monumental; o novo mercado de Arroios; a fábrica da Matinha, pronta e em vias de iniciar o seu funcionamento; as duas novas estações marítimas, uma pronta e a outra bastante avançada; a renovação e ampliação, já muito adiantadas, da rede de distribuição de águas à Cidade.

Também um dos problemas fundamentais de Lisboa — a sua rede de esgotos — não foi esquecido nesta lufa-lufa de procurar recuperar o tempo perdido. Por iniciativa do Ministro — visto o problema ter correlação com os dos concelhos vizinhos e ser de envergadura tal, que a obra a executar exigirá ajuda grande do Estado — estão já feitos os estudos preliminares necessários para se poder elaborar, com segurança e fundamento técnico, o projecto geral da referida rede de esgotos.

Ainda também foram por êle orientados, no traçado e no perfil, os estudos dos projectos, já concluídos ou em via de conclusão, de todos os troços da rede de radiais e circulares que constituem o esquema-base do Plano de Urbanização.

Quanto a êste, se infelizmente êle não o pôde ver concluído, deixou-o, no entanto, em fase de adiantamento que permite ficar-se com a certeza de que puco poderá vir a diferir do que efectivamente seria se o eng.º Duarte Pacheco o tivesse acompanhado até à sua conclusão. Ainda lhe foi dado o grande prazer de ver ultimado o da zona do Pôrto de Lisboa, por que tanto se empenhava; o mesmo, porém, não sucedeu quanto ao sistema ferroviário da Capital, embora o tenha deixado em fase suficientemente avançada para também, quanto a êle, se definir com segurança uma orientação.

Em matéria de expropriações, o critério definido inicialmente pelo eng.º Duarte Pacheco, continuou a ser fielmente seguido; como êle o previa, é aí que reside o fulcro essencial do progresso citadino, já mesmo no presente mas, sobretudo, no futuro, se houver a necessária continuidade de acção por parte dos dirigentes do Município.

E tudo isto que, no respeitante à Câmara, antes de 1938 seria julgado utopia poder efectuar-se, não foi realizado com empréstimos ou subsídios. Quanto a estes, se alguma coisa há a referir, são razões de queixa, pois o Ministro na sua preocupação de não ser acusado de favorecer o Município de Lisboa, tratou-o muito desfavorecidamente, e até em flagrante desproporção com a percentagem do seu contributo para o Fundo do Desemprêgo. Quanto a empréstimos, o único realizado, de 100.000 contos, ainda tem um terço por utilizar, e os dois terços restantes estão largamente compensados pelo montante das aquisições de propriedades feitas posteriormente a 1938.

Não houve, no entanto, milagre. Houve apenas aplicação dos princípios administrativos que êle aconselhou: bom critério administrativo, constante disciplina orçamental, uma mais eficiente arrecadação das receitas e prudente execução das despesas, a filtragem destas de modo a reduzir ao mínimo as improdutivas, e pouco mais. Ainda aqui também o simples «ovo de Colombo...».

Antes de terminar esta evocação da obra memorável do eng.º Duarte Pacheco a bem da Cidade, não quero furtar-me a focar também alguns aspectos pessoais da sua inconfundível figura. Em primeiro lugar, tôda esta estenuante tarefa, que parecia ultrapassar as fôrças humanas, provinha de alguém cuja saúde era bem precária. Quem estas palavras profere recorda, a propósito, as muitas e muitas vezes que trabalhou com o eng.º Duarte Pacheco, na sua antiga casa da R. Latino Coelho, em ambiente menos do que mediano, com êle — que manejou contos aos milhões — estendido no leito quási franciscano, ou no divã do pequeníssimo escritório, a contorcer-se com dôres causadas pela doença de estômago de que sofria, e que em grande parte poderia atribuir-se às horas irregularíssimas das suas refeições, e às condições precárias em que as ingeria, por considerar como perdido para a sua assoberbante tarefa, o tempo que nelas teria de dispender. Outra prova de que o eng.º Duarte Pacheco sacrificava descanso e saúde ao sonho em que consumiu tôda a sua vida, é dada pelas inúmeras vezes em que tomou as suas refeições normais neste edifício, no intervalo curtíssimo dum período intenso de trabalho, quando o repasto já se encontrava frio e desapetitoso, em consequência das várias horas de espera.

E não se diga que a sua preocupação constante de não perder tempo em futilidades, lhe tornou o trato agreste e bisonho. Nas conversas durante as conferências com individualidades de tôdas as categorias, que acorriam ao seu chamamento ou lhes solicitavam audiência sôbre assuntos oficiais do seu Ministério, o seu trato era atraente e patenteava a cada passo os fulgores do seu espírito, através de observações interessantes ou de conhecimentos que mostrava sempre possuir; e ninguém saía de o abordar sem vir agradavelmente impressionado com a forma como fôra recebido. Testemunham-no inúmeros nacionais e estrangeiros de todos os matizes e origens, tanto mais que, em muitos casos, nutriam antecipadas prevenções sôbre a forma como o Ministro os recebia, em face de informações recebidas, senão propositadamente tendenciosas, pelo menos bastante distantes da verdade.

Na convivência com os seus subordinados escolhidos para colaboradores prestes criava em cada um um amigo capaz de todos os sacrifícios para o servir, tal era o modo como sabia acarinhá-los.

Com os humildes era de uma lhaneza chã que logo os cativava; que o digam, por exemplo, os seus antigos serventuários nas obras do I. S. T.

e certos funcionários menos categorizados do seu Ministério, que êle soube ligar a si por dedicações sem limites, insensíveis aos baldões da sua vida pública.

Nos poucos momentos que podia consagrar à família e aos amigos era igualmente de uma simplicidade, de uma despretensão e de uma vivacidade de espírito que a todos encantava. Relembro com ternura o eng.º Duarte Pacheco, há anos, quando o sobrinho mais novo, com quem vivia, era ainda de idade contada pelos dígitos, a ensinar-lhe as primeiras noções da instrução primária, com uma paciência evangélica. Revejo-o ainda, às vezes, a jogar as cartas com os seus, durante uns breves minutos após o jantar, com um entusiasmo nas jogadas como se fôra um colegial, fingindo ignorar que o convite para o jôgo resultava de uma pequena «conspiração» dos seus para o prenderem e o obrigarem a descansar mais alguns momentos em casa.

Quanto à vivacidade e à alegria comunicativa de viver, que dimanava de todo o seu sêr nos curtos períodos de férias que alguns anos conseguia proporcionar ao seu organismo depauperado, que o testemunhem os amigos com quem conviveu nessas ocasiões, e em especial durante as suas estadias em Vidago.

Rematarei estas breves notas com uma própria, o que espero me será relevado, em face da boa intenção que a inspira. Todos os anos, sem excepção, no dia 25 de Maio — data da sua volta ao Ministério das Obras Públicas e da posse do Presidente substituto da Câmara — o eng.º Duarte Pacheco, a-pesar-da sua conhecida relutância em aceitar convites pessoais de qualquer espécie, sempre encontrou tempo para vir nesse dia jantar e passar o resto do serão em casa de quem estes factos refere, na companhia de alguns amigos íntimos e de todos os da família do dono da casa, que o enchiam de manifestações de simpatia e a quem êle muito queria e tratava como se fôsem da sua família própria. E era digna de ver-se a alegria, a troca de palavras engraçadas, o prazer que se espelhava no seu semblante, ante o acolhimento amigo que sentia envolvê-lo e lhe fazia esquecer, por horas, o seu estenuante labor! E nesse dia nem o serviço oficial era capaz de o fazer privar dêste pequeno prazer. Lembro-me bem que, num dos anos, havia à noite uma cerimónia oficial, com a assistência de S. Ex.ª o Presidente da República, a que êle tinha de comparecer por dever de cargo. Terminado o jantar, lá foi com o eng.º Espregueira Mendes, um e outro de casaca; mas, finda a sessão, ambos regressaram e se vieram engolfar na inocente distracção de um tranqüilo jôgo de cartas, como se o serão não houvera sido interrompido.

Com estas palavras de preito e homenagem à memória do eng.º Duarte Pacheco não houve a pretensão de fazer a sua biografia, de referir tôda a sua infinita actividade ao serviço da Nação, tarefa essa que melhor caberá a outrém que seja possuidor de méritos que inteiramente falecem em quem

apenas quis, ao de leve e em sucintas notas, esboçar o muito que êle fêz em prol da Cidade e o muito que haveria a esperar da sua tão grande dedicação e amor por ela.

DO VEREADOR LUIZ TEIXEIRA

Na reunião da Câmara Municipal de Lisboa em 30 de Dezembro de 1943

J á se pronunciou hoje, nesta reunião, o nome de Duarte Pacheco. Aprovámos o projecto que julgamos ter já concordância do Governo para o monumento simples e belo, discreto e grandioso onde êsse homem, que passou por nós tão vigorosamente acordado para as realidades palpitanes e para o esforço permanente do trabalho sem repouso, descansará sonhando ainda, talvez, as visões empolgantes da sua missão incompleta. Todos sabemos que êsse monumento não é a última homenagem. A memória dos homens da estirpe de Duarte Pacheco tem o raro privilégio de não se compadecer com a fatal banalidade das convenções do mundo. Ela nunca será diminuída com a celebração formal de uma derradeira homenagem.

Pode descer sôbre os despojos dêsse homem, definitivamente, a pedra branca com a sóbria inscrição de lembrança ao porvir; podem calar-se as palavras de enaltecimento dos oradores comovidos; pode o vento da serra de Monsanto levar para longe, desmaiadas e dispersas, as últimas flôres votivas. Nem por isso terá terminado a homenagem.

Lembro-me da sua chegada ao Poder naquele dia de Abril de 1928. Êle era um rapaz. Parece-me ouvir ainda o Presidente do Ministério de então dizer ao apresentá-lo: — «Tenho muito gôsto em dar posse da pasta da Instrução a um homem novo, activo, enérgico e decidido. O Sr. Engenheiro Duarte Pacheco faz hoje vinte e nove anos. Estamos em plena festa de aniversário...»

Três ou quatro dias depois fui esperá-lo, à noite, à estação do Rossio. O Ministro vinha de Coimbra. Eu estava ali para saber dêle uma notícia que viria mudar o rumo histórico dos acontecimentos contemporâneos. Lembro-me bem. Perguntei-lhe apenas: — Então?... ¿Conseguiu? ¿Sempre vem?

Não me respondeu com palavras. No seu olhar alvoroçado, no seu sorriso de contentamento foi fácil ao jornalista adivinhar o grande facto da semana, o grande facto do século em Portugal. Dias depois um professor de Coimbra, obrigado — no seu próprio dizer — a abandonar o sacerdócio do ensino e a tomar por caminhos difíceis uma cruz mais pesada, assumia a gerência da pasta das Finanças. A Nação começava a sua marcha para a maravilha de um ressurgimento feliz.

Pelos anos fora o Ministro e o jornalista encontraram-se muitas vezes. Nós, os homens dos jornais, temos a estranha singularidade de atravessar a paisagem da vida pública com o mesmo ar distraído e despreocupado com que certos elementos da multidão caminham, sòzinhos, pelas ruas, a monologar em voz alta. Aparentemente pouco nos interessa o espectáculo em volta e supomos sempre que ninguém repara em nós. Acontece, no entanto, que nos sobressaltos da missão nascem, por vezes, amizades sinceras e alguma coisa fora da normalidade do quadro atrai, lá de longe em longe, a curiosidade do jornalista aliciando-o irresistivelmente para o culto duma admiração inesperrada e forte.

Assim me sucedeu com Duarte Pacheco.

Vi desenvolver-se o seu espírito em ímpetos de audácia construtiva. Notei como a excitação da política saudável fazia desabrochar naquele homem novo os prodígios duma rara vocação de estadista.

Quantas vezes surpreendi nêle a chama ardente de um idealismo que o vulgo talvez ignorasse, supondo que as predilecções do matemático, tão empenhadas no lidar de cálculos da resistência dos materiais e no sonho ambicioso de uma grande demonstração de realizações, amorteciam ou abafavam êsse belo perfume de romance que faz o homem novo amar a Pátria com a fôrça de entusiasmo e a cândida ilusão de enlêvo e de ternura com que se ama, naquela idade, uma mulher.

Estou a ouvi-lo há poucos anos nesta casa: — «Conheço por experiência o prémio de amarguras que colhe o esforço honesto e desinteressado».

Já se lhe tinha embranquecido o cabelo. No entanto, naquela altura, quando começava a servir a cidade mais directamente, a mesma energia da primeira hora animava de fulgor o seu olhar ansioso.

Estou a ouvi-lo no Ministério das Obras Públicas naquele dia reparador do seu regresso: — «Um homem público verdadeiramente amante da sua Pátria só pode, só deve ter um desígnio — servi-la, servi-la em tudo, em todos os lugares e em todos os momentos».

Quis o acaso que o jornalista tivesse hoje ensejo de sublinhar com algumas palavras uma homenagem da vereação de Lisboa à memória dêsse homem que esteve sempre presente no respeito da sua amizade e no culto da sua admiração. Não completaria, porém, o meu pensamento se não dissesse que, além desta, outra homenagem se impõe, uma homenagem que pode desinteressar-se de aspectos consagradores de expressão exterior mas deve permanecer nas nossas intenções e objectivos como nítida e definida aspiração: procurarmos sempre compreender e seguir a fôrça estimuladora do seu exemplo.

Duarte Pacheco foi, em completo significado, o Presidente da Câmara que sem desatender, como lhe incumbia, às realidades essenciais e aos inte-

rêsses imediatos do dia-a-dia da vida da cidade, manifestou em tôdas as circunstâncias da sua acção este princípio que julgo digno de prender as preocupações dos dirigentes do Município: — *estar para além do seu tempo.*

Estar para além do seu tempo no cálculo das transformações urbanísticas a realizar e na serenidade de análise das necessidades evidentes de Lisboa para a conquista séria da sua exacta categoria de capital europeia.

Estar para além do seu tempo no conceito de julgamento das reacções públicas às iniciativas que podem perturbar, momentaneamente, costumes, hábitos ou tradições enraizadas mas que se dirigem com nitidez às exigências do futuro.

Estar para além do seu tempo na visão exacta do engrandecimento de uma cidade que não deve confiar, como sistema, às conseqüências dos fenómenos da natureza a missão preparatória do arranjo da sua fisionomia em moldes renovados e grandiosos.

Entrou aqui há seis anos e demorou-se cinco meses. Estes períodos não têm excessivo significado para o nosso caso. Há pouco tempo V. Ex.^a lembrou-nos precisamente que ainda simples director do Instituto já Duarte Pacheco se interessava com o maior carinho pelo bem da capital e revelava «o seu vivo desejo de a ver bela, ataviada e engrandecida, dentro da disciplina resultante de um estudo cuidadoso dos seus elementos e recursos de ordem urbanística». Nos últimos dias da sua vida a correlação dos serviços do Ministério das Obras Públicas com os do Município, disse também V. Ex.^a, senhor Presidente, mantinha-se em tudo que se referia ao plano de urbanização, num desenvolvimento permanente e sob a orientação superior do Ministro. Devemos, no entanto, contar a partir do princípio do ano de 1938 a inclusão dos problemas da cidade na primeira linha das suas mais imediatas preocupações. Foram, pois, seis anos e embora isso seja bem pouca coisa na existência de uma cidade que vai, em breve, completar oito séculos de vida cristã, o que está feito é imenso. Ninguém poderia ter a pretensão de modificar profundamente, em tão curto espaço de tempo, a fisionomia duma terra que, à parte o grandioso sobressalto que exigiu do ministro de D. José o prodígio de revelação das máximas e urgentes decisões, criara, ao longo dos séculos, a consagração permanente da timidez e do provisório como sinais de ausência daquele desembaraçado espírito de iniciativa, de arrojo de concepções gerais, de energia de execução persistente e prática que, lamentavelmente, tardava, pairando no tempo em vã procura dos elementos propícios a uma aplicação proveitosa.

Podíamos dizer que Duarte Pacheco tinha o seu segredo do êxito seguro. Refiro-me ao plano de completo e perfeito espírito de cooperação em que agia sem, aliás, se diminuir nunca a sua impressionante individualidade. É oportuno lembrar, a êsse respeito, que alguma vez denunciou o seu vivo desejo de que

a intervenção dos vereadores nos negócios do Município se exercesse num forte espírito de unidade e sempre em ambiente de estreita solidariedade e amizade. Acentuou então: — «É condição necessária à eficácia do nosso esforço trabalharmos todos como um só homem, uma só vontade, um só pensamento». Disse oportuno porque essa unidade perfeita passou da vereação antecedente para a actual como um programa de acção que no fundo, no seu prolongamento de exacto significado, constitue ainda hoje, de certa forma, um sentido de homenagem a quem tão avisadamente a preconizou.

Comecei as minhas palavras por aludir ao Engenheiro Duarte Pacheco e à fôrça do seu exemplo. Agora verifico que ao pretender traçar breve comentário ao Orçamento que vamos votar é ainda sob a influência das suas opiniões, da sua orientação geral, das suas directrizes que devo, afinal, fixar a síntese do meu ponto de vista. Queria êle que a administração da Câmara fôsse caracterizada pelo dinamismo, pela clareza e pela simplicidade. O Orçamento chega à sessão pública depois de demoradas reuniões particulares da vereação. Foi estudado na generalidade dos seus aspectos; analisado no cálculo das suas disposições e na previsão dos seus efeitos; retocado ou completado de acôrdo com sugestões devidamente ponderadas, com critérios sensatamente definidos e aceites como úteis. Podíamos agora limitar-nos a entregar com a nossa simples autorização à mecânica dos Serviços os elementos fundamentais da sua gestão anual dos negócios da municipalidade. Estão nesse documento, na medida das possibilidades da hora, os princípios e a orientação a que me referi: a prudência dos cálculos e das previsões ao lado da largueza possível dos empreendimentos a realizar e das indicações expressivas da necessária continuidade das empresas urbanísticas que interessam às perspectivas do futuro. A característica de dinamismo, de clareza e de simplicidade posta há seis anos por Duarte Pacheco como uma aspiração é já hoje, a par do conjunto das realidades admiráveis que indicam na cidade os cuidados e o acêrto das primeiras medidas dum plano de grande urbanização que não pode interromper-se, nítida normalidade da administração municipal.


Declarou V. Ex.^a há poucas semanas, nesta sala, que tem sido constante imperativo da sua actuação nesse pôsto tudo encaminhar e orientar por forma semelhante à que o falecido Ministro teria seguido se desta casa não se tivesse afastado. Como os anteriores, depois de 1939, êste documento é notável expressão de que conseguiu por completo — como era natural esperar das suas excepcionais qualidades — a plena realização da sua idéia. Êle reflecte, simultaneamente, o sentido duma sábia orientação que se prolonga com segurança e o poder duma experiência que se consolida com frutuozos resultados. Isso me permite o gôsto de apresentar a V. Ex.^a, senhor Presidente, as melhores saüdações e homenagens.


REALIZAÇÕES

NA CIDADE DE LISBOA

PLANTA DA CIDADE DE LISBOA
COM INDICAÇÃO DAS OBRAS REALIZADAS
PELO ENGENHEIRO DUARTE PACHECO
E PRINCIPAIS ARTÉRIAS DO PLANO
DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE

LEGENDA

 ARTÉRIAS CONCLUÍDAS

 ARTÉRIAS EM ESTUDO



PLANTAÇÃO DO PARQUE FLORESTAL



NÚMEROS INDICATIVOS DAS PÁGINAS GRÁFICAS



PLANTA DA CIDADE DE LISBOA



RIO

TEJO

ENUMERAÇÃO DAS PRINCIPAIS

S em falarmos dos milhares de melhoramentos que do norte ao sul do País foram executados sob a superior orientação do Eng. Duarte Pacheco e que dão jus à gratidão dos povos, o documentário que se segue mostra bem de quanto a nossa Capital lhe ficou devendo. Seguindo, de uma maneira geral, a ordem cronológica das realizações, enumeram-se e apresentam-se: a concepção e construção do Instituto Superior Técnico, obra em que revelou o seu poder de realizador e fez chamar a atenção para o seu nome levando, em boa hora, o Presidente do Conselho, Ex.^{mo} General José Vicente de Freitas, a convidá-lo para o lugar de Ministro; a resolução do problema do abastecimento de água à Cidade, uma das mais instantes aspirações de Lisboa; a construção: do Instituto Nacional de Estatística; dos bairros de Casas Económicas (uma das maiores necessidades do nosso tempo); da Emissora Nacional; da Estação Marítima de Alcântara e da Casa da Moeda, edifícios ou instalações absolutamente necessários a cada um dos sectores da vida nacional, a que respeitam. A concepção, em toda a sua grandeza, do grande Parque Florestal de Monsanto, que há-de ser, em futuro que não virá distante, centro das melhores diversões dos lisboetas; a construção da Estrada Marginal e da Auto-Estrada, a primeira para pôr termo aos grandes contratempos a que estavam sujeitos os moradores e os visitantes da Costa do Sol, e a segunda para facilitar o acesso ao Estádio Nacional e a Cascais; a reposição, na sua velha traça, do Castelo de São Jorge, e o restauro e a transformação do Teatro de São Carlos; a preparação e a realização das Comemorações Centenárias que constituíram a maior afirmação do poder criador e realizador da actual geração, e relembrou ao mesmo tempo, a todos os portugueses e ao Mundo, páginas gloriosas do nosso passado distante; a transformação do Palácio da Assembléa Nacional e o embelezamento da sua zona de protecção; a construção da Estação Fluvial de Belém e a ampliação e restauro do Museu de

Arte Antiga (Janelas Verdes); a abertura e o alargamento dos arruamentos de acesso à Cidade; a construção do Aeropôrto da Portela de Sacavém, que já serve de entrada formosa aos que, pelo ar, demandam o nosso lindo Portugal; e o Mercado de Arroios (exemplo de quanto se podem melhorar os nossos locais de venda) são outras tantas, enormes, graciosas e necessárias realizações em que se revelaram a iniciativa e o engenho de Duarte Pacheco. Mas a sua prodigiosa actividade e inteligência levaram-no ainda a conceber e impulsionar a instalação da Fábrica do Gás da Matinha; a procurar orientar e ordenar a construção urbana fixando-lhe normas traduzidas objectivamente em projectos elaborados sob orientação camarária; a estimular a realização das exposições de Floricultura; a promover o arranjo dos parques infantis e dos jardins; a facilitar a publicação de obras de interêsse olisiponense e a realização de exposições e espectáculos culturais.

Na data da sua trágica morte estavam também já projectadas, e decerto não deixarão de realizar-se, muitas obras de interêsse citadino, entre elas as seguintes: Edifício das Estações Telegráfica e Telefónica, Hospital Escolar e outros edifícios universitários, Praça do Areiro (o primeiro grande arranjo architectónico depois do Terreiro do Paço e do Rossio) obras novas na Praça do Império e um novo conjunto de prédios com projecto mandado elaborar pela Câmara a efectuar na Avenida Visconde Valmor, além de grandes melhoramentos do Parque Florestal de Monsanto, entre os quais um novo Cemitério e teatro ao Ar Livre.

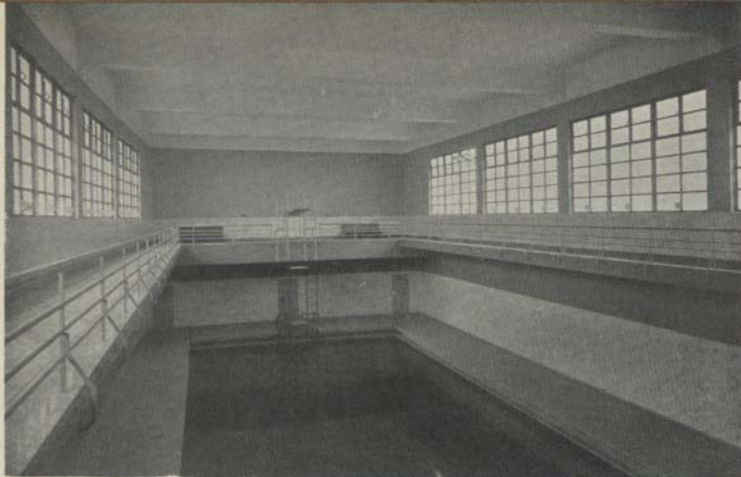




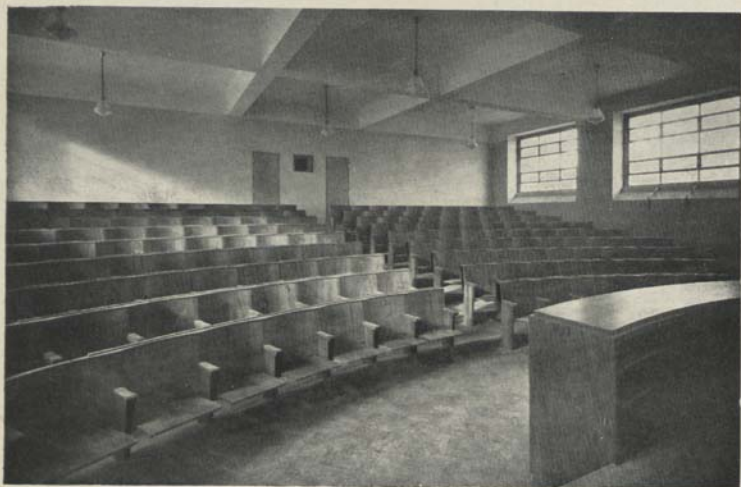
1

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

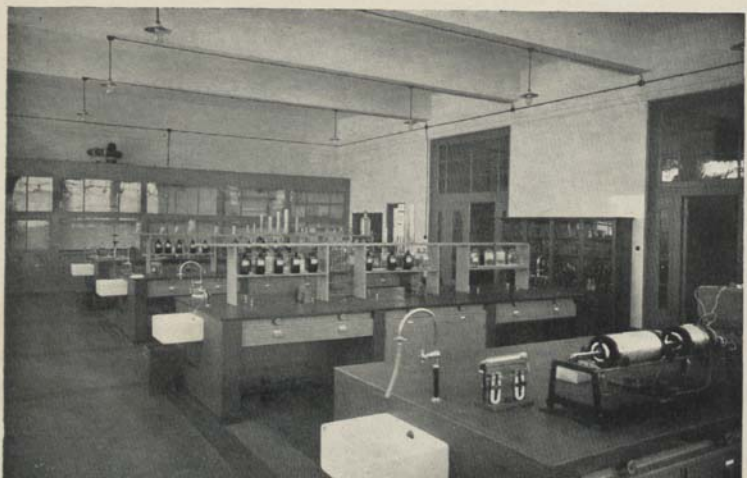
Primeira grande obra do Engenheiro Duarte Pacheco em que se revelou o homem de acção e realizador que veio a ser



P I S C I N A



A N F I T E A T R O



L A B O R A T Ó R I O



2

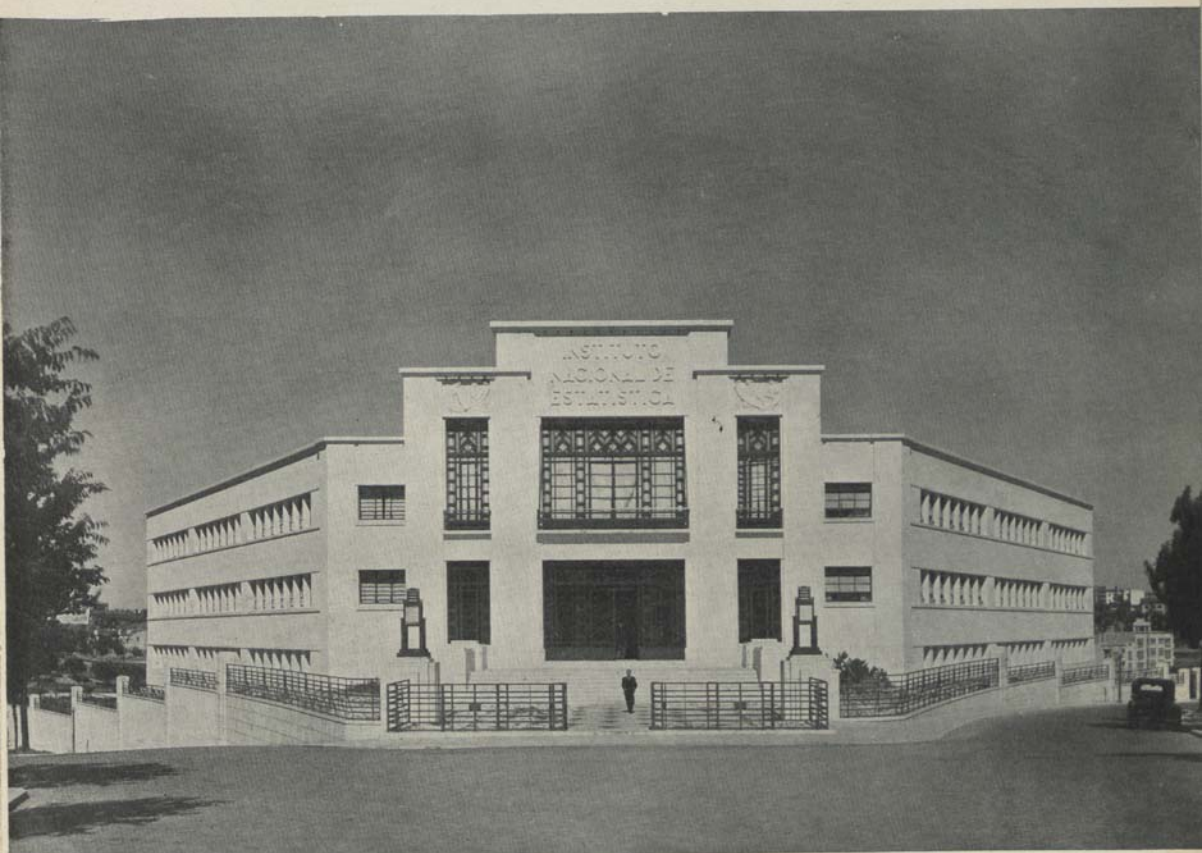
ABASTECIMENTO DE ÁGUA A LISBOA

O problema da sede, que ainda em 1933 era motivo dos maiores tormentos e aflições para os lisboetas, está plenamente resolvido. As grandes condutas, alimentadas por caudais que nunca secam, garantem à farta o abastecimento da Cidade.



CANAL DO TEJO — CONDOTA EM CAVALEIROS

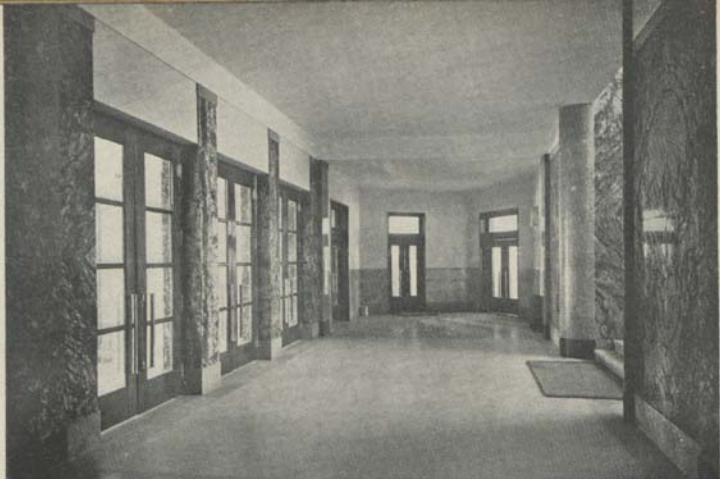




3

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Edifício destinado ao exercício de uma função da maior utilidade, acompanha, no desafogo e beleza a obra do grande Ministro das Obras Públicas.



NESTA PÁGINA DAMOS ALGUNS ASPECTOS DOS INTERIORES



DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA





BAIRROS DE CASAS ECONÓMICAS

4

Bairros de Casas Económicas, quem os não conhece? Garantia de saúde, conforto e higiene, remédio para um dos maiores males da actualidade: acumulação e promiscuidade nas partes de casas e nos pátios, ilhas e vilas alfôbres de habitações insalubres.





B E L É M



A J U D A



B E L É M



5

EMISSORA NACIONAL

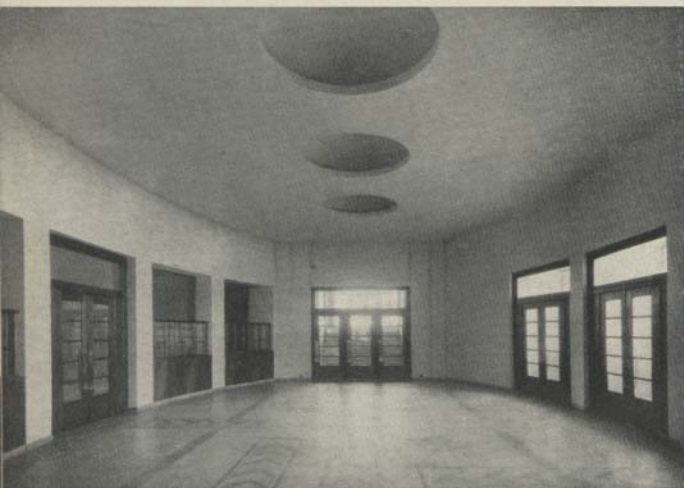
Elemento absolutamente indispensável na vida actual dos povos a Emissora Nacional deve a sua instalação e progressos ao falecido Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

6

ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCÂNTARA

Estação Marítima de Alcântara: obra tão desejada e necessária para embarque e desembarque dos que viajam por mar, supriu uma grande falta e apresenta-se condigna do nosso maravilhoso pòrto.

FACHADA NORTE



SALA DE ENTRADA



FACHADA SÔBRE O TEJO

C A S A D A M O E D A

7

P O R M E N O R D A
E N T R A D A F A B R I L



Do edifício acanhado da Rua de S. Paulo passou a Casa da Moeda para a magnífica e formosa instalação que pode admirar-se nas gravuras que seguem e onde os respectivos serviços funcionam já com toda a eficiência e desfôgo.



VISTA PARCIAL DO PÁTIO INTERIOR

FACHADA SOBRE A AV. DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA





8

ESTRADA MARGINAL LISBOA-CASCAIS

Formosa, pitoresca e atraente, a Avenida Marginal facilitou o acesso à Costa do Sol, eliminando os inconvenientes das passagens de nível e reduzindo em muito o tempo da viagem.



AUTO-ESTRADA

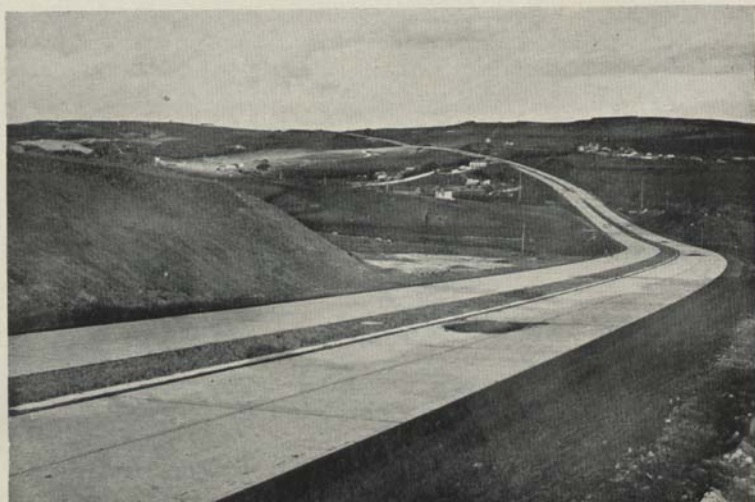


9

ACESSO AO ESTÁDIO NACIONAL

A ligação de Lisboa a Cascais, por uma auto-estrada, passando pelo grande Estádio Nacional serve simultaneamente o Turismo Nacional e os desportos.

LISBOA-CASCAIS



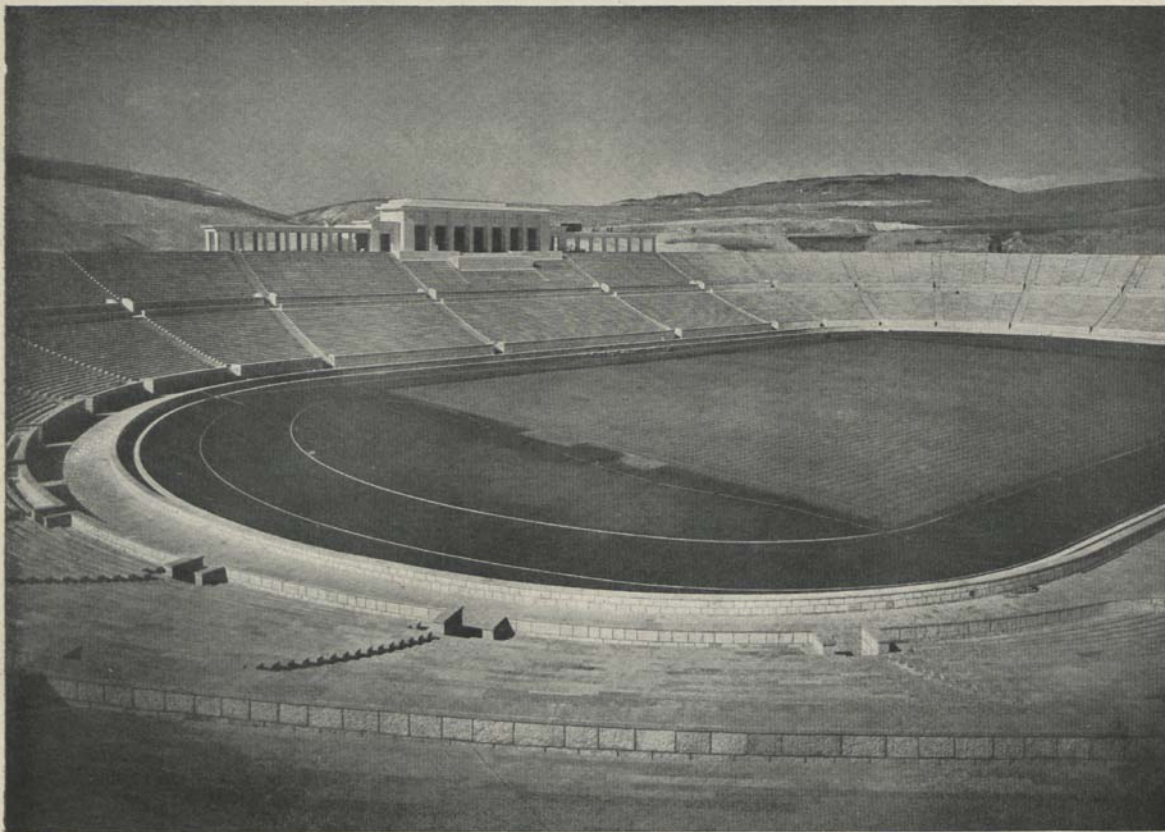
PONTE SÔBRE O VALE DE ALCÂNTARA

Grande obra de arte concebida para dar passagem à Auto-Estrada, ela vai permitir uma ligação fácil do centro da Capital com a Serra do Monsanto, o Estádio, os Estoris e Cascais.

10

PORMENOR E VISTA GERAL





11

E S T Á D I O N A C I O N A L

Velha aspiração do desporto nacional, eis o Estádio Nacional, grandioso, belo e aprazível a lembrar os congéneres da velha Holanda. Nada se descurou o dotar de acessos fáceis aos 45.000 espectadores que comporta.



12

C A S T E L O D E S . J O R G E

Limpo das construções sem nexo que o adulteravam e escondiam, o velho Castelo de S. Jorge, reposto na sua velha traça, aparece aos olhos dos lisboetas em tôda a sua beleza.



ALGUNS ASPECTOS DO CASTELO DE S. JORGE



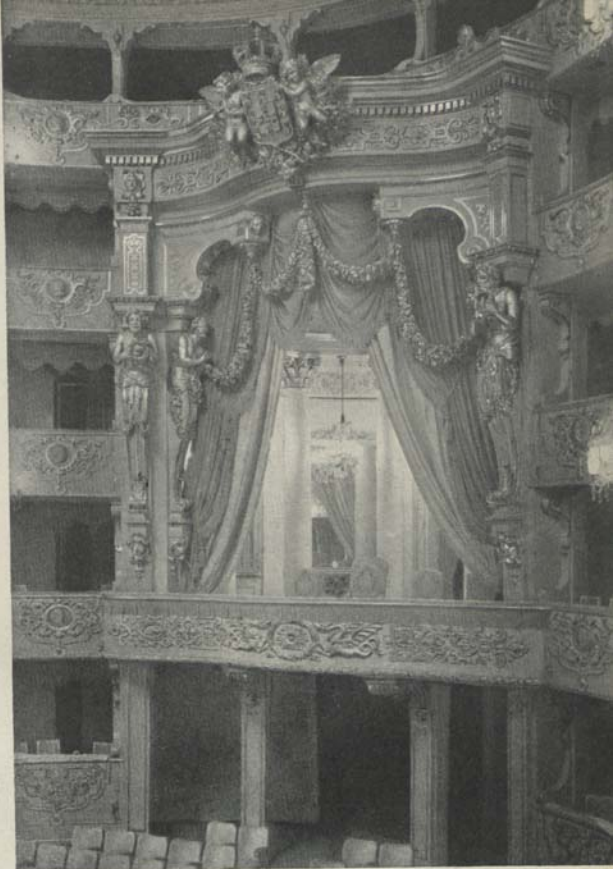
DEPOIS DO SEU RESTAURO NO ANO DE 1940



13

TEATRO DE S. CARLOS

Mais uma ressurreição: a transformação e restauro do nosso teatro lírico que, graças às obras levadas a efeito, se apresenta, como se vê, em todo o seu velho esplendor.



CAMAROTE PRESIDENCIAL



SALÃO DE
FESTAS



ACESSO AOS CAMAROTES

SALA DE
ESPERA



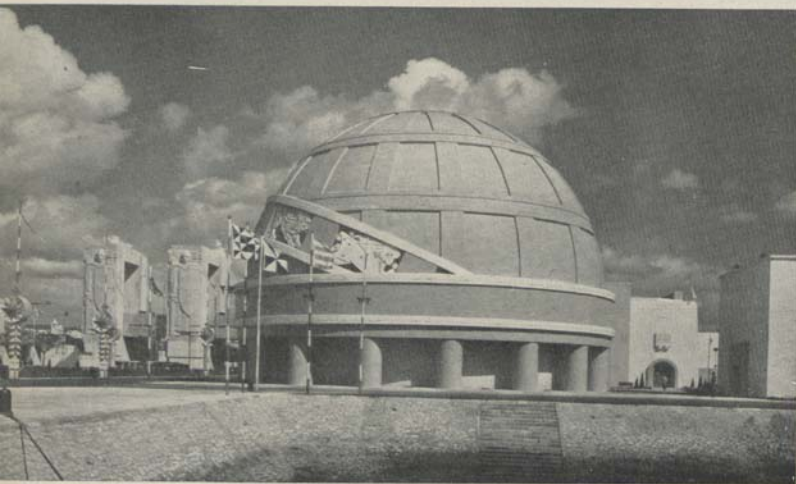


14

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

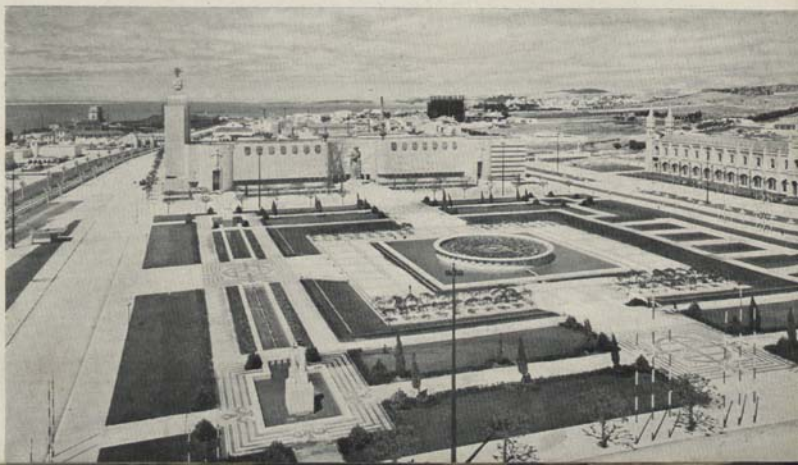
Grande realização em que se recordou o nosso glorioso passado e se revelaram as nossas maravilhosas possibilidades presentes.

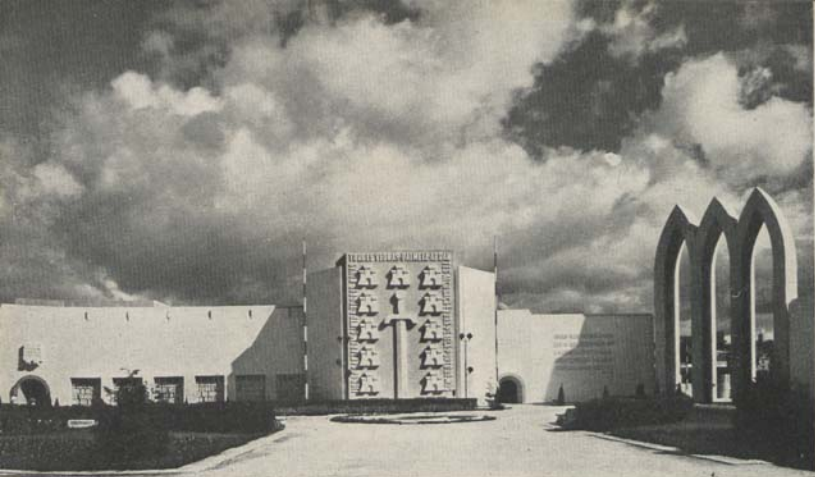
VISTA AÉREA
DA EXPOSIÇÃO



ESFERA DOS
DESCOBRIMENTOS

PRAÇA DO IMPÉRIO





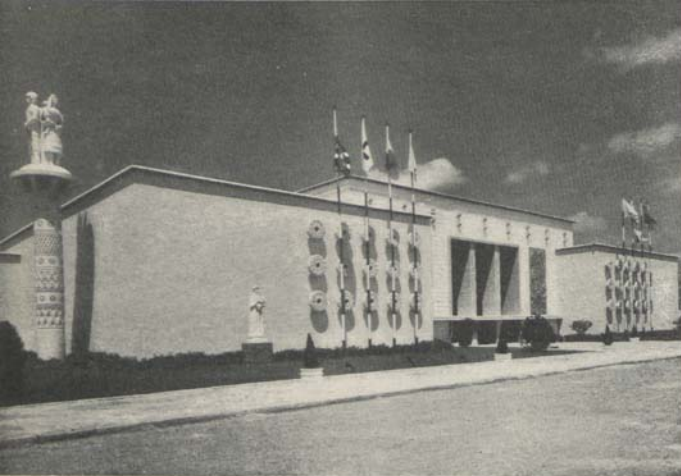
PAVILHÃO DAS
CONQUISTAS



PAVILHÃO DAS
COLÓNIAS



CASA DE S.º ANTÓNIO

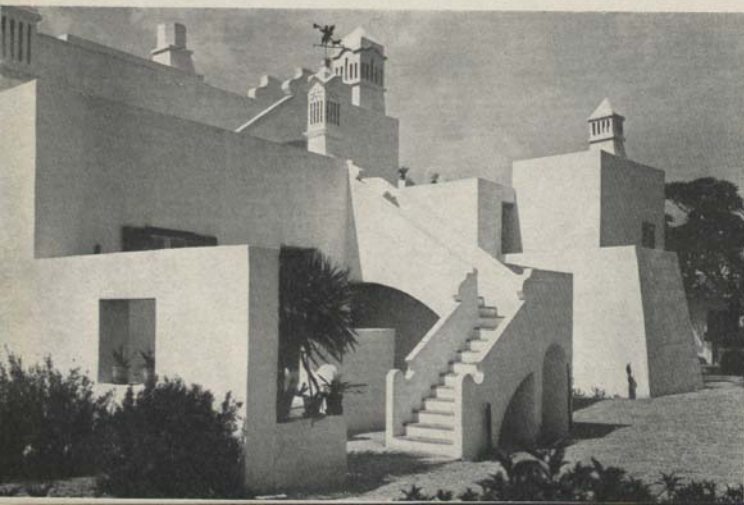


PAVILHÃO DE ETNOGRAFIA
«ARTE POPULAR»

ALDEIAS PORTUGUESAS
«ALENTEJO»



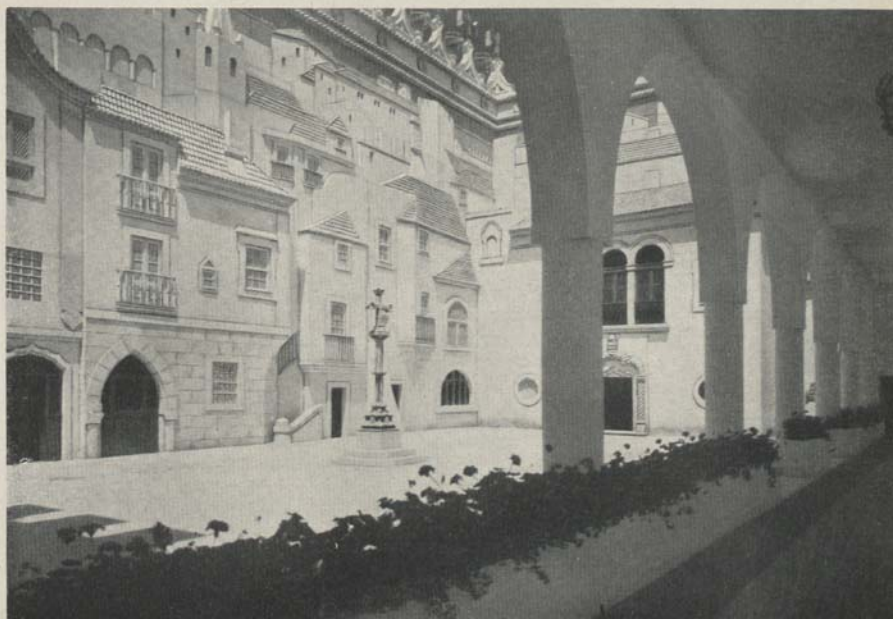
ALDEIAS PORTUGUESAS
«ALGARVE»



PAVILHÃO DE LISBOA



PÁTIO
DE LISBOA





SALA DO FORAL



LISBOA NO FUTURO



PAVILHÃO DE HONRA



15

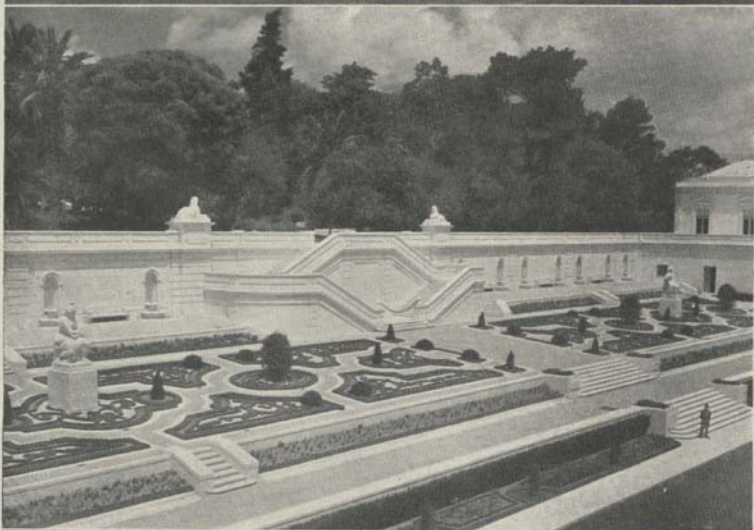
PALÁCIO DA ASSEMBLÉIA NACIONAL

Convento que foi, o Palácio de S. Bento asfixiava entre um mercado impróprio e edificações mesquinhas. As gravuras que publicamos dão uma idéia do cuidado e esmero que presidiu à sua transformação, e embelezamento da sua zona de protecção.

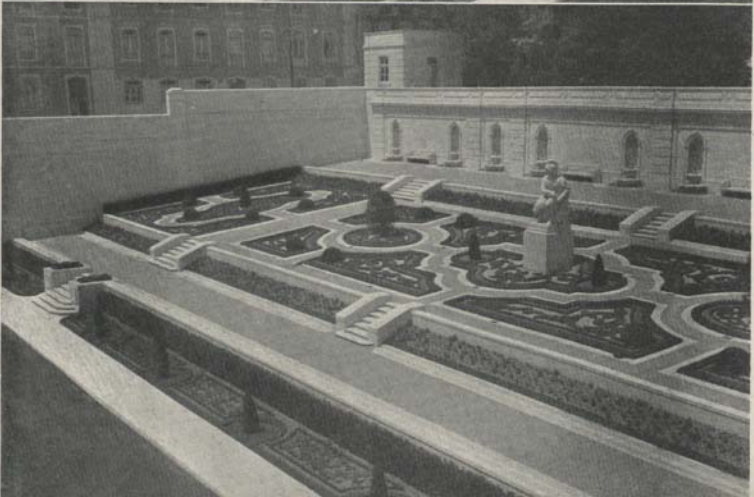
ALGUNS ASPECTOS



DO JARDIM INTERIOR



DO PALÁCIO



E ZONA DE PROTECÇÃO



16

ESTACÃO FLUVIAL DE BELÉM

Esbelta e limpa, a estação de Belém que pôs termo aos perigos do embarque em local desabrigado e sem protecção, é exemplo de quanto se poderá fazer ainda para melhorar a ligação entre as duas margens do Tejo.



Às várias construções, erguidas junto à Praça do Império para as Comemorações do Duplo Centenário, vai ser dado carácter definitivo. Nas fotografias que se publicam vêem-se já concluídos o Museu de Arte Popular e o Restaurante do Espelho de Água.

17

OBRAS NOVAS
NA PRAÇA
DO IMPÉRIO

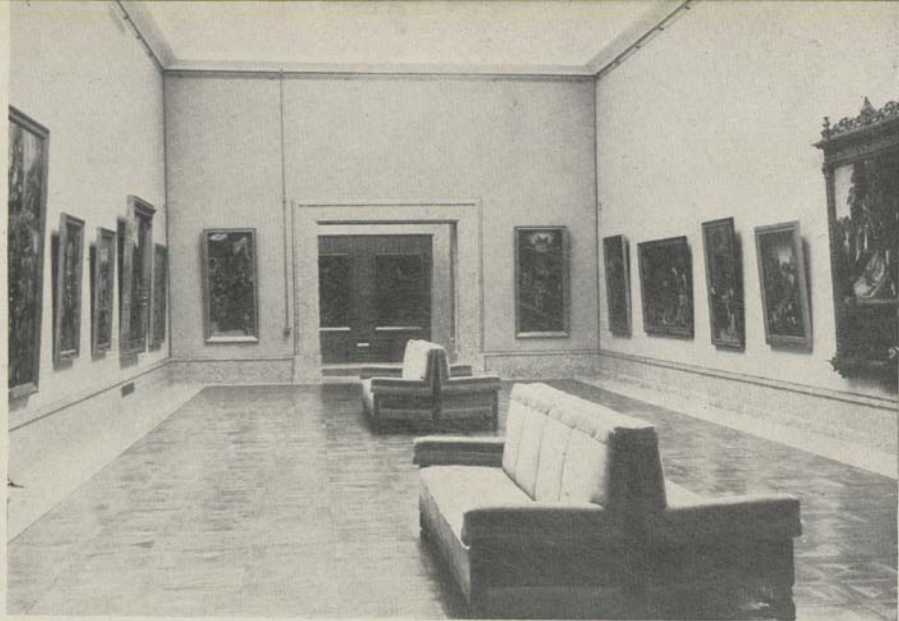




18

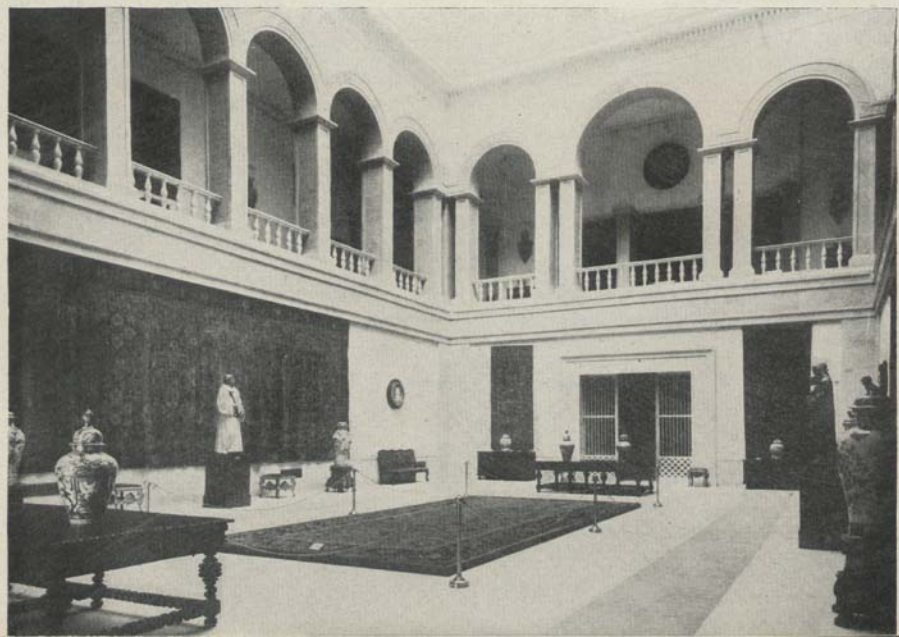
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Outra obra de maior interesse para a política do espírito levada a efeito, mercê da acção de Duarte Pacheco, foi a ampliação e restauro do velho palácio das Janelas Verdes que alberga o Museu de Arte Antiga.



SALAS DA PINTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

E DOS TAPETES ORIENTAIS



PROLONGAMENTO DA AV.
ALMIRANTE REIS



SAÍDA DA ENCARNAÇÃO

Cidade de trânsito difícil, causa permanente de demoras prejudiciais, grande serviço prestou o Eng.º Duarte Pacheco, com a abertura de novos arruamentos, especialmente os referentes às amplas saídas.

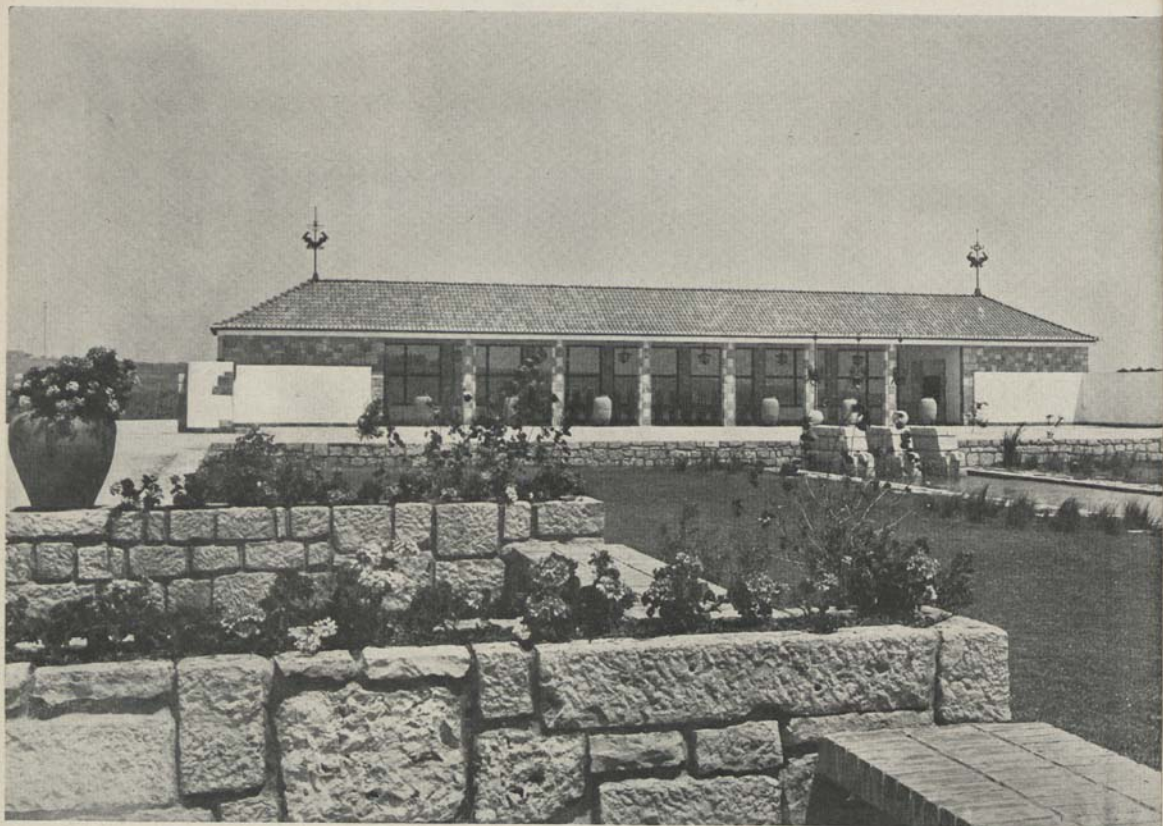
19

NOVAS ARTÉRIAS D O P L A N O DE URBANIZAÇÃO



ARRUAMENTO DA
ENCOSTA DA AJUDA





20

PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO

Obra das de maior vulto e utilidade que o espírito de iniciativa do Eng.º Duarte Pacheco enfrentou, e cujo plano está sendo metódicamente executado, constituirá em breve o mais aprazível retiro dos lisboetas e campo admirável para desportos, passeio e repouso.

A E R O P Ô R T O D E L I S B O A

Um dos melhores da Europa, o Aeropôrto da Portela de Sacavém, veio dar satisfação a uma grande necessidade, e está destinado a representar importante papel nas relações de Portugal com o Mundo.

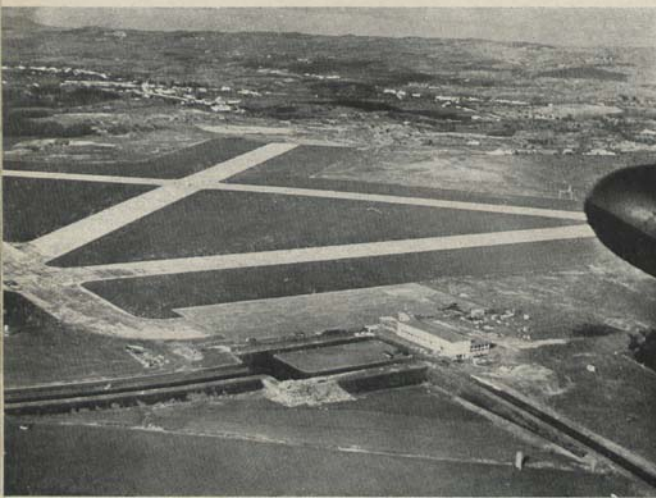




PORMENOR DA TÔRRE



ÁTRIO DAS COMPANHIAS



PISTA DE ATERRAGEM

22

O desordenamento na construção, de todos conhecido, levou o Eng.º Duarte Pacheco a promover que se fixassem e impusessem normas para o corrigir, traduzidas objectivamente em projectos elaborados sob orientação camarária. Desta actuação resultaram os conjuntos que se vêem nas gravuras.



BLOCOS DO PARQUE EDUARDO VII



DA CASA
DA MOEDA

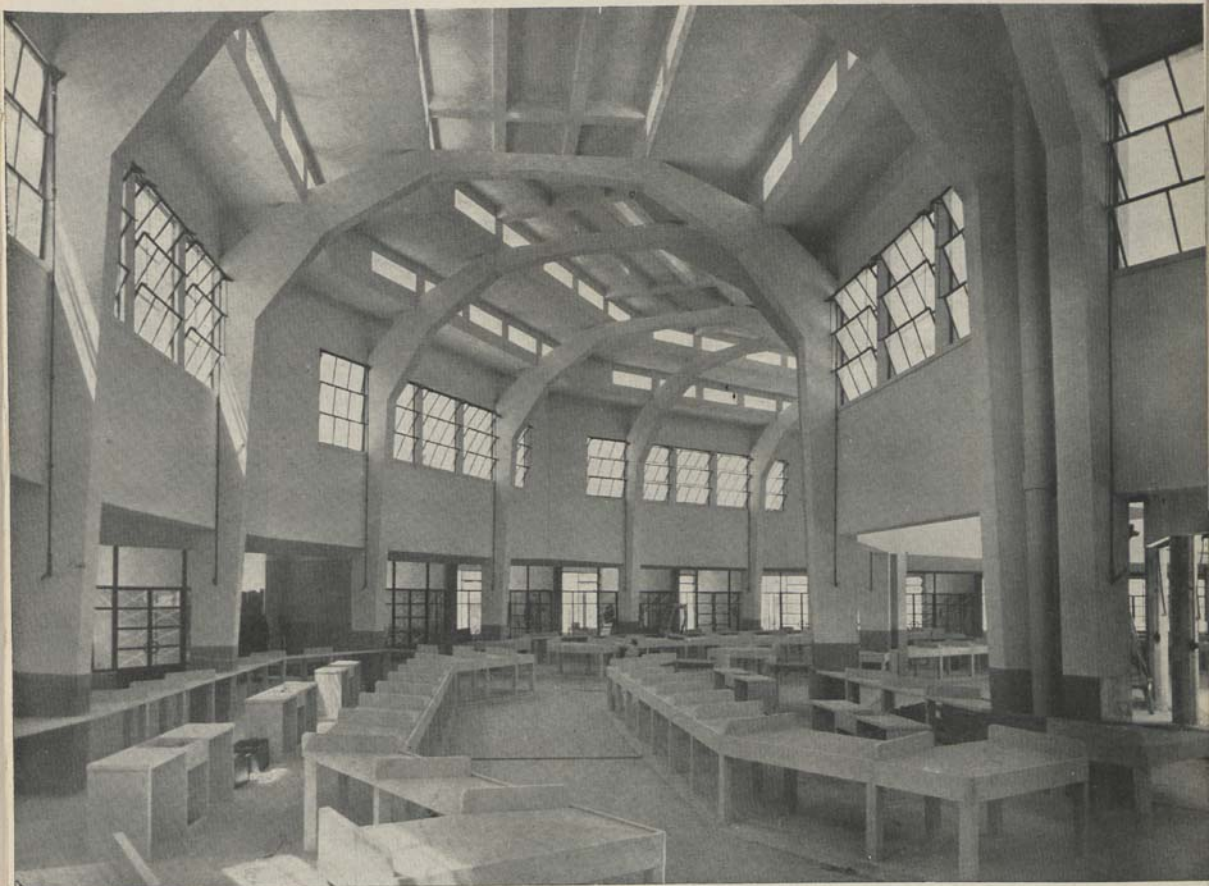


DA RUA DOS JERÓNIMOS



ALGUNS BLOCOS DE CONSTRUÇÕES RECENTEMENTE CONSTRUÍDOS





23

M E R C A D O D E A R R O I O S

Última palavra em higiene e limpeza, antítese dos velhos locais de venda, veio substituir o infecto Mercado do Poço dos Mouros

MUSEU DA CIDAD E

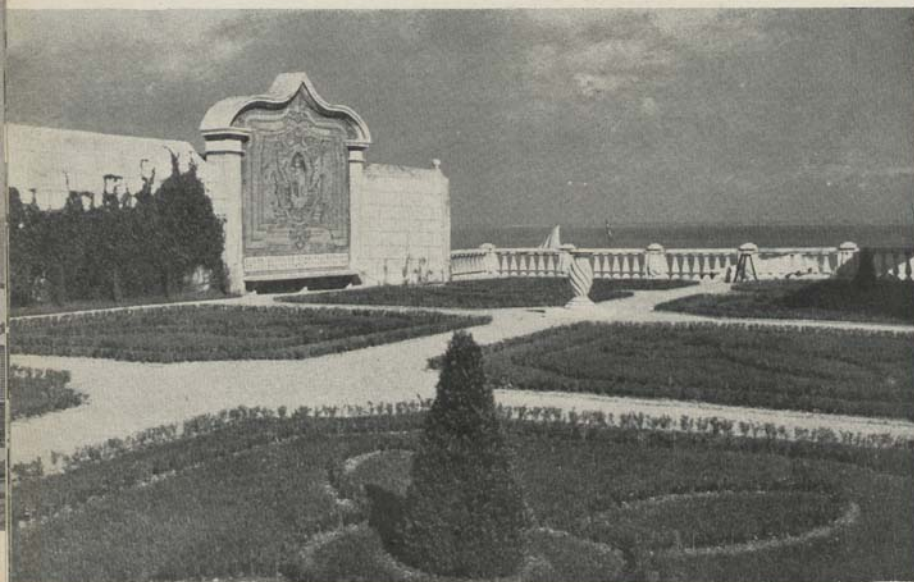
FACHADA
PRINCIPAL



24

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA NO PALÁCIO DA MITRA

Ensaio de arrumação e base de estudo para a organização do futuro Museu Olisiponense, as colecções reunidas no belo Palácio da Mitra merecem a visita de quantos se interessam pelo passado de Lisboa e pelos assuntos de arte.



JARDIM
DO PALÁCIO



VISTAS INTERIORES



DO NOVO MUSEU



DA CIDADE DE LISBOA

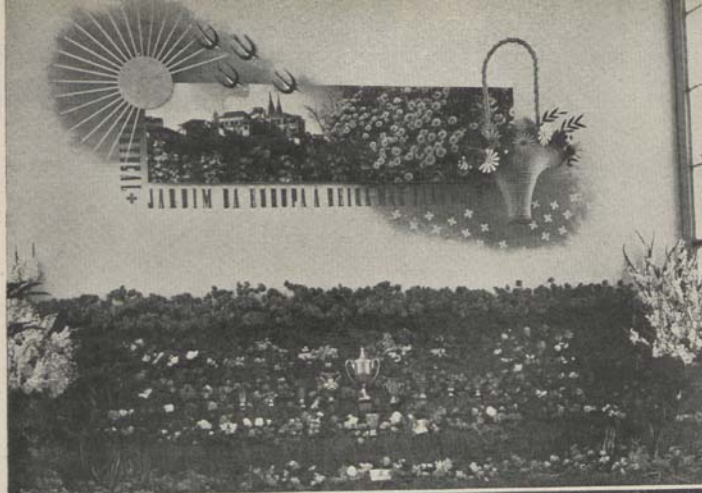
EXPOSIÇÕES NACIONAIS DE FLORICULTURA

25

Certames destinados a desenvolver o culto pelas flores e pelas plantas, ao Eng.º Duarte Pacheco ficam as Exposições de Floricultura devendo estímulo e facilidades para a sua realização.



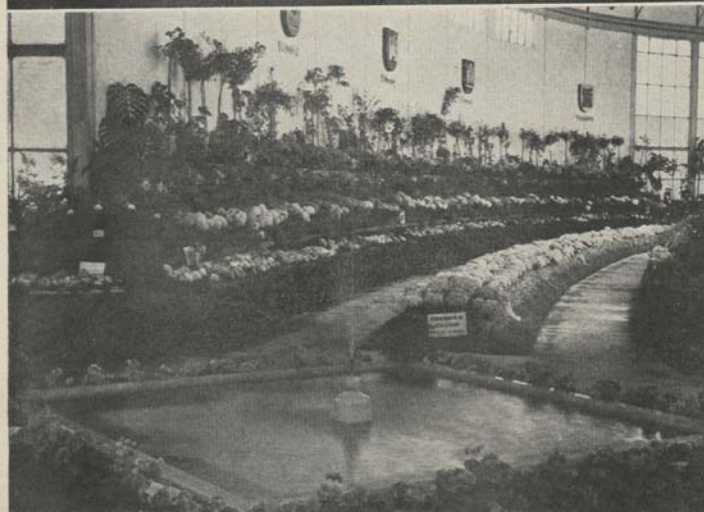
IV EXPOSIÇÃO NO JARDIM DA ESTRÉLA



EXPOSIÇÕES



NACIONAIS DE



FLORICULTURA

26

PARQUES INFANTIS

Os jardins existiam mas faltavam-lhes atractivos e retiros próprios para as crianças. Criou-os, em boa hora, o espírito aberto a tantas iniciativas, do Eng.º Duarte Pacheco.





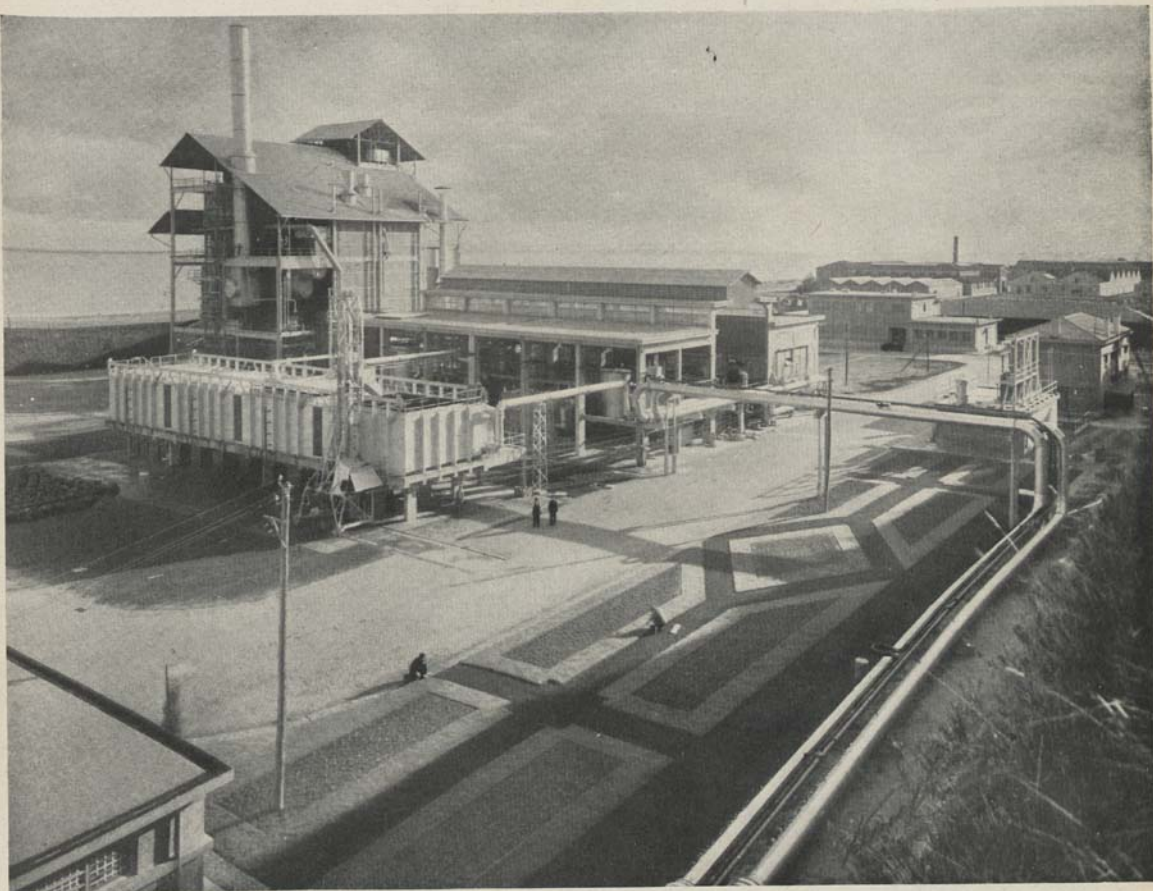
27

J A R D I N S P Ú B L I C O S

Renovados e melhorados os jardins da Capital, não escapou também, como se pode ver, à acção do Eng.º Duarte Pacheco, este sector de urbanismo.

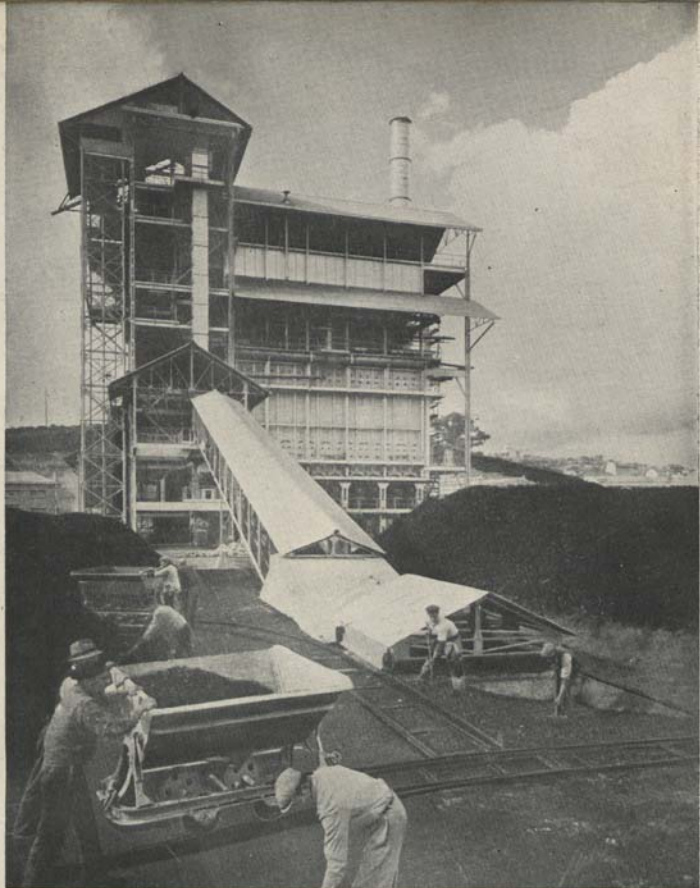
NOVA FÁBRICA DE GÁS DA MATINHA

Além de garantia do abastecimento da Cidade por uma forma muito mais eficaz, esta magnífica instalação industrial, que o saudável Eng.^o Duarte Pacheco concebeu e impulsionou, vai prestar o grande serviço de permitir que a formosa Torre de Belém ressurgja na plenitude da sua beleza.



VISTA GERAL DA NOVA FÁBRICA

EDIFÍCIO DA
DÍSTILAÇÃO



GASÓMETRO

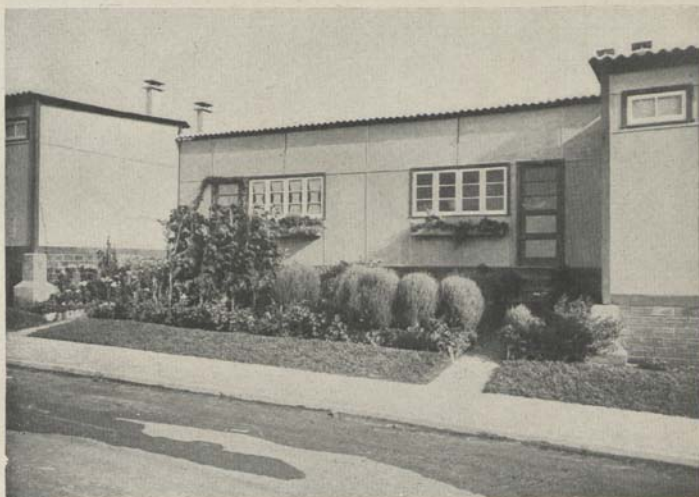


BAIRRO DA QUINTA DA CALÇADA

29

Construções modestas, para acudir com rapidez à mísera situação dos habitantes dos bairros das latas, nada lhes falta: higiene, conforto e alegria.

VISTA GERAL



UMA DAS HABITAÇÕES



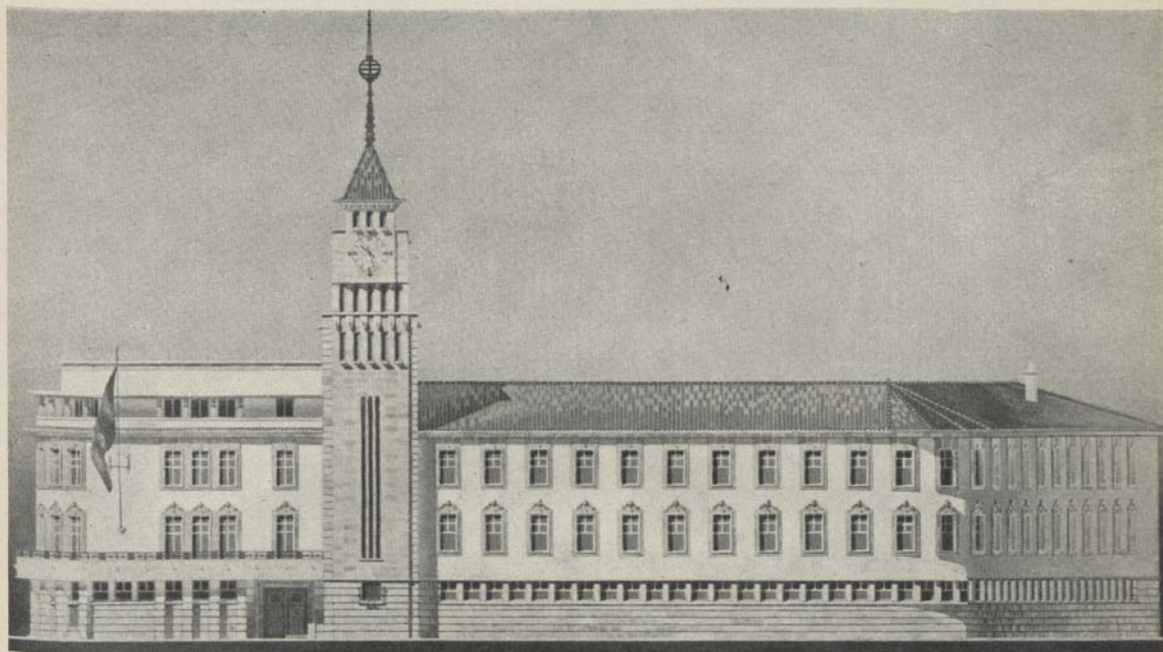
ESCOLA PRIMÁRIA



30

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES

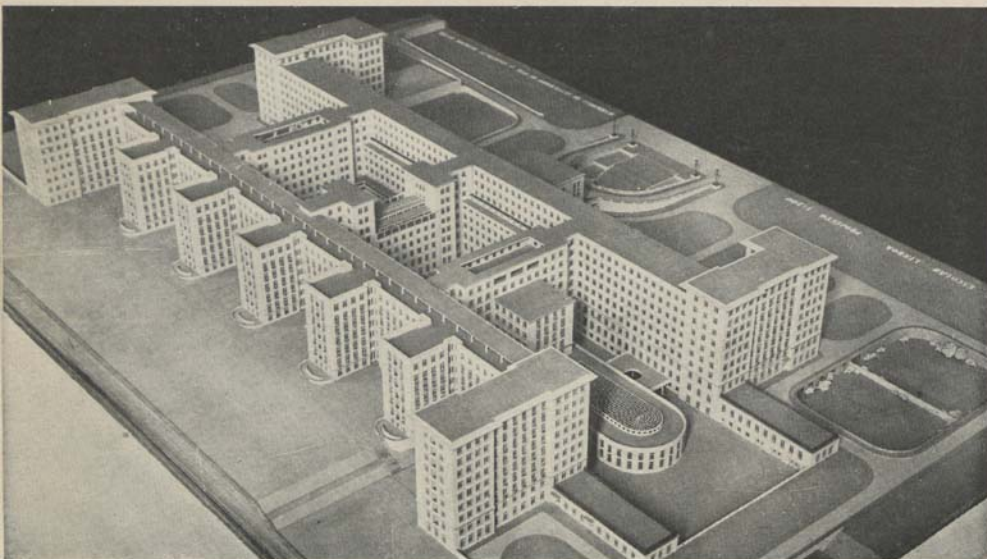
Moldura, enquadramento e ligação do Instituto Superior Técnico com a Fonte Monumental, constitui um dos mais formosos arruamentos de Lisboa.



31

CENTRAIS TELEGRÁFICA, TELEFÓNICA
E CIRCUNSCRIÇÃO TÉCNICA DE LISBOA

Mais um grande edifício fugindo ao provisório, destinado a instalar convenientemente as centrais Telegráfica e Telefónica de Lisboa e a valorizar uma das suas grandes artérias.



32

EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

(NOVO HOSPITAL ESCOLAR)

As gravuras que publicamos dão bem uma vista de conjunto do grande projecto do Hospital, um dos maiores edifícios que hão-de fazer parte da Cidade Universitária.



P R A Ç A · D O · A R E E I R O

Depois do Terreiro do Paço e Rossio, a Praça do Areiro, formosa e elegante, representará, quando concluída, o primeiro grande conjunto arquitectónico de Lisboa.





34

BLOCO DE CONSTRUÇÕES PARA A RUA EIFFEL

Este bloco de casas procura demonstrar praticamente como se pode, fugindo à continuidade das fachadas, quebrar-lhes a monotonia, obtendo uma perspectiva agradável e com certo pitoresco.

PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO



TEATRO AO AR LIVRE E MIRADOUROS

Entre as principais obras a realizar no Parque Florestal de Monsanto, conta-se o Teatro ao Ar Livre para 8.000 pessoas. Publica-se a respectiva planta, onde além das obras que lhe servem de complemento figuram os acessos e os estacionamentos de viaturas.

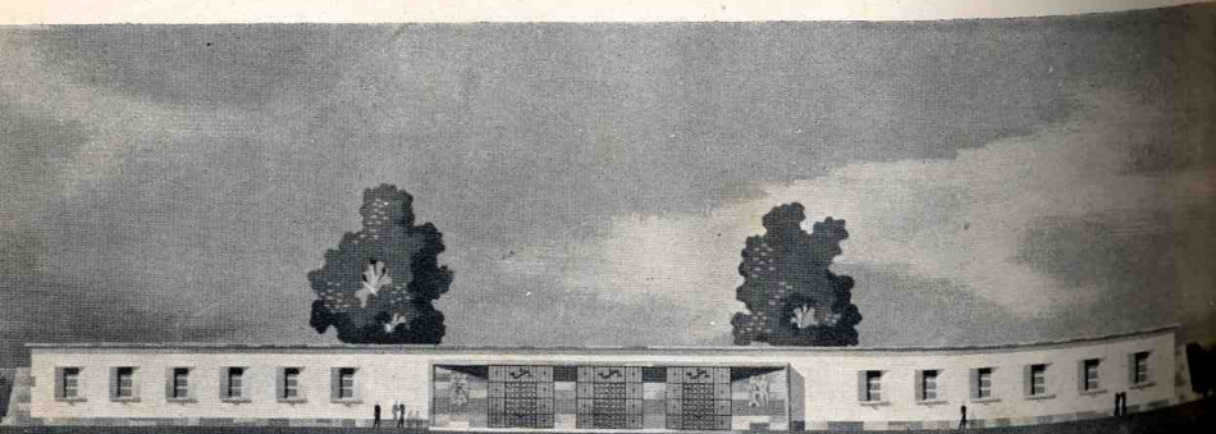


CAPELA E ENTRADA PARA OS OSSÁRIOS

36

O V O C E M I T É R I O D E M O N S A N T

A necessidade de alargar os cemitérios de Lisboa levou ao estudo de um novo cemitério nas faldas da Serra de Monsanto com características novas, sem jazigos e apenas com ossários. A criteriosa distribuição dos arruamentos, os jogos de arbustos, as sebes de verdura, etc., tudo contribue para lhe dar um aspecto de doçura, calma e serenidade.



ENTRADA PRINCIPAL E ADMINISTRAÇÃO



municipio
de Lisdoo

